



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**HILDEGARDA DE BINGEN:**  
**MÍSTICA E TEOLOGIA FEMININAS NO SÉCULO XII**

**FABÍOLA MENDES DOS SANTOS**

**BRASÍLIA**  
**2019**

FABÍOLA MENDES DOS SANTOS

**HILDEGARDA DE BINGEN:  
MÍSTICA E TEOLOGIA FEMININAS NO SÉCULO XII**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do grau de licenciada em História sob orientação da Professora Dra. Cláudia Costa Brochado.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Cláudia Costa Brochado - HIS/UnB

Professora Dra. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho - HIS/UnB

Professora Dra. Susane Rodrigues de Oliveira - HIS/UnB

Defesa Oral: 11 de dezembro de 2019

**BRASÍLIA**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Maria Amélia, amiga de todas as horas e grande autoridade feminina da minha vida, que no cuidado exigente de quem ama sempre foi minha guia e referência. Também agradeço o imensurável carinho e amor de meu pai Francisco Marques, meu grande incentivador e companheiro nos momentos bons e ruins, nunca medindo esforços para me ajudar em meus sonhos. Também a meus irmãos Fábio e Fabrício pelo constante apoio e amizade.

Agradeço também a duas importantes presenças em minha vida: minhas avós Luiza Marques (*in memoriam*) e Teresa Caetano. Muito aprendi com elas: as cantigas e as músicas, as histórias e orações, a memória e sabedoria que generosamente me ensinaram. Analfabetas e viúvas ainda muito jovens, tiveram de conduzir sozinhas suas famílias e muito me ensinaram sobre a generosidade de quem carrega uma sabedoria sem igual. É a esta importante e valiosíssima memória feminina que ofereço este trabalho.

Agradeço de modo especial a minha orientadora Cláudia Costa Brochado pela delicadeza, generosidade e compreensão com minhas dificuldades de tempo e disponibilidade em escrever. A Leandro da Motta Oliveira que gentilmente leu o meu texto e trouxe grandes contribuições. A todos os colegas e amigos da UnB que guardo no coração: Gustavo Gomes, Daniel Félix, Daniel Neto, Cláudio Renato, Cláudio Holanda, Igor, Tereza Cristina, Jefferson e Larissa.

Também sou grata a todas as religiosas que tive o prazer de conhecer neste período de graduação: as Irmãs Franciscanas Catequistas, as Irmãs Paulinas, as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado e as Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre. Em todos esses grupos femininos, encontrei uma grande sabedoria, laços de fraternidade feminina e uma mística muito autêntica, acolhedora e bela.

Por fim, agradeço a Deus, pois sem Ele nada teria feito. E a Hildegarda de Bingen, minha inspiração, guia e modelo para este trabalho e para a vida. Muito aprendi com ela.

*“É preciso impedir que se apague uma tão admirável  
luz animada de inspiração divina”.*

Bernardo de Claraval

*“Luz do seu povo e do seu tempo”*

São João Paulo II sobre Hildegarda de Bingen

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar a vida e obra da monja beneditina alemã Hildegarda de Bingen através da teologia e mística presentes em sua vida e obra. Considerando o século XII e a florescente quantidade de grupos religiosos femininos que surgiram neste período, iremos analisar o papel de Hildegarda de Bingen pelos conceitos de autoridade, genealogia feminina e ordem simbólica materna. A análise das teorias da diferença sexual também nos ajudará a observar a liberdade que ela e suas monjas puderam desfrutar neste período. Tendo como fonte suas obras visionárias, faremos um apanhado de sua teologia e mística que confirmam sua presença como autoridade feminina do século XII até os dias atuais.

**Palavras - chave:** Hildegarda de Bingen; Autoridade; Teologia; Mística; Século XII

## **ABSTRACT**

This work aims to present the life and work of the German Benedictine nun Hildegarda de Bingen through the theology and mystique present in his life and work. Considering the 12th century and the burgeoning amount of female religious groups that emerged in this period, we will analyze Bingen's hildegarda role by the concepts of authority, female genealogy and maternal symbolic order. The analysis of theories of sexual difference will also help us observe the freedom she and her nuns were able to enjoy in this period. With his visionary works as a source, we will make a pick of his theology and mystique that confirm his presence as a female authority from the 12th century to the present day.

**Keywords:** Hildegarda de Bingen; Authority; Theology; Mystic; XII Century

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. HILDEGARDA DE BINGEN</b>	
1.1 A Abadessa da Renânia .....	12
1.2 Vida nos Monastérios e Memória Feminina .....	14
1.3 Autoridade Feminina no Século XII .....	19
1.4 Autoridade, Genealogia Feminina e Ordem Simbólica Materna .....	25
1.5 O protagonismo de Hildegarda à luz da Complementaridade dos Sexos .....	27
<b>2. A TEOLOGIA HILDEGARDIANA</b>	
2.1 Teologia Feminina: Sabedoria revelada às Mulheres .....	31
2.2 O Profetismo da Abadessa de Bingen .....	32
2.3 Autenticidade e Ortodoxia .....	36
<b>3. ESPIRITUALIDADE HILDEGARDIANA</b>	
3.1 Visionária e Profética .....	40
3.2 As Visões .....	43
3.2.1 O Escotoma Cintilante .....	45
3.3 A Escrita .....	46
3.4 As Iluminuras .....	48
3.4.1 A Hora da Visão .....	50
3.4.2 A Trindade .....	51
3.4.3 O Homem no centro do Mundo .....	53
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>55</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Canonizada e proclamada Doutora da Igreja Universal pelo papa Bento XVI em 2012<sup>1</sup>, Hildegarda de Bingen (1098-1179) foi uma monja beneditina alemã que figura como uma das grandes personagens femininas do século XII. Sua relevância rompe as fronteiras religiosas, pois Hildegarda atuou em diversas áreas. Foi escritora, compositora, musicista, teóloga, cientista, promotora de uma medicina alternativa e profetiza, dentre outras tantas atividades que desenvolveu.

De acordo com o papa emérito Bento XVI, a tão diversificada produção de Hildegarda de Bingen revela “a versatilidade de interesses e vivacidade cultural dos mosteiros femininos da Idade Média”. E é justamente pelo olhar destes ricos ambientes monásticos femininos que iremos analisar aqui a vida e obra de Hildegarda de Bingen à luz de sua produção teológica e de sua mística, ambas muito pessoais e autênticas.

Da mesma forma que Bernardo de Claraval (1090-1153) e o Papa João Paulo II (1920-2005) irão se referir a Hildegarda de Bingen como uma luz a todos aqueles que a cercavam, Hildegarda por sua vez nos apresenta duas concepções do divino, chamadas por ela como a *umbra uiuentis luminis* [a sombra da luz viva] e a *lux uiuens* [luz viva]. É a partir delas que Hildegarda de Bingen descreverá o fenômeno visionário da experiência do conhecimento de Deus, produzindo o que Georgina Rabassó (2013) irá descrever como uma epistemologia mística.

Em sua primeira obra visionária, o *Scivias*, a beneditina conta como foi uma de suas mais importantes visões, a partir da qual iniciaria sua trajetória de profetiza:

Aconteceu que, no ano 1141 da Encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo, quando eu tinha quarenta e dois anos e sete meses de idade, o céu abriu-se e uma luz fulgurante de brilho excepcional veio e pervagou todo o meu cérebro e inflamou todo o meu coração e todo o meu peito, não como um ardor, mas como uma cálida chama, como o sol aquece qualquer coisa que seus raios tocam. (SCITO VIAS DOMINI ‘SCIVIAS’. Hildegarda de Bingen, 2015, p. 96).

---

<sup>1</sup> Mesmo sendo considerada santa ainda em vida, a canonização de Hildegarda só aconteceu oficialmente pela Igreja mais de oitocentos anos depois de sua morte, apesar de desde 1583 ela já constar no *Martyrologum Romanum* (registro oficial de mártires e santos).



É dessa forma que Hildegarda de Bingen descreve o início de sua relação profética com o divino, em que a própria Luz Viva [*lux vivens*], se manifesta e lhe dá a conhecer todo o significado das escrituras. De acordo com Hildegarda, nesta maravilhosa visão que irá marcar a sua vida, ela também irá sentir em si mesma “o poder e o mistério” das secretas visões que sempre teve, desde a infância. É essa luz que irá acompanhar a abadessa de Bingen, guiando suas ações durante toda a vida.

Buscando analisar a importância de Hildegarda de Bingen em seu meio, no primeiro capítulo apresentaremos parte de sua biografia à luz dos conceitos de Luisa Muraro (1994) de ordem simbólica materna e autoridade feminina. À luz das teorias da diferença sexual, buscaremos compreender a liberdade que Hildegarda e suas monjas puderam desfrutar neste período, assim como diversos outros grupos religiosos femininos, vinculados ou não à Igreja.

A genealogia feminina praticada nestes espaços religiosos (mosteiros, conventos, beguinários etc) também será analisada pelo conceito de autoridade em contraste ao conceito de poder. Por fim, será analisado o fechamento de muitos desses espaços, a imposição de uma clausura mais rígida e também a descaracterização da diversidade de muitos desses grupos, que terão de seguir uma forma mais uniforme de religiosidade.

No segundo capítulo veremos a teologia hildegardiana e a forma como é construída a epistemologia mística de Hildegarda sobre a Trindade, o papel de Eva na criação e a exaltação do homem na centralidade da criação divina. Analisando suas três obras visionárias, vamos encontrar o profetismo e a autenticidade com que conduziu toda a sua obra, assim como sua permanente postura de ortodoxia.

No terceiro e último capítulo, será apresentada a mística e espiritualidade hildegardiana, entendida como a forma que Hildegarda reflete o conhecimento do mistério. Serão apresentados alguns aspectos que não encaixariam Hildegarda de Bingen dentro dos parâmetros de outros místicos e místicas. Também serão abordadas as visões no que concerne a maneira como aconteciam e eram escritas, assim como algumas das belíssimas iluminuras que ilustram as obras visionárias.

Portanto, o objetivo dessa pesquisa é entender a maneira como foi constituída a uma mulher do século XII a autoridade e profetismo que Hildegarda de Bingen

desempenhou não só em meio religioso, mas também laico. Para isso teremos como base a análise de sua concepção teológica e mística, que muito nos revelam sobre sua excepcionalidade e importância.

## 1. HILDEGARDA DE BINGEN

### 1.1 A Abadessa<sup>2</sup> da Renânia

Nascida na Renânia no século XI, Hildegarda de Bingen (1098-1179) foi uma monja da ordem beneditina<sup>3</sup>, teóloga, escritora, compositora e mística famosa em toda a região do Reno na Alemanha. Décima filha de uma família de nobres, ela foi apresentada à Igreja aos oito anos de idade para receber instrução e esteve sob os cuidados da abadessa Jutta de Spanheim (1092-1136)<sup>4</sup> no mosteiro misto de Disibodenberg na Alemanha.

De acordo com Régine Pernoud (1996), foi com a mestra e mentora Jutta de Spanheim, que Hildegarda de Bingen aprendeu a ler e escrever através dos salmos e foi educada na música. No contexto medieval, a entrada de uma jovem nobre em instituição religiosa poderia ser feita para seguir a vida religiosa ou para ter acesso a uma educação de qualidade, o que não seria possível em outros ambientes. Por volta dos 14 ou 15 anos, a jovem Hildegarda optou por tornar-se religiosa e fez os votos como beneditina.

Ainda criança, Hildegarda de Bingen passa a ter visões que a acompanharão por toda a vida e serão a referência de seu trabalho como mística, profetiza e missionária. De acordo com seu relato, elas tiveram início ainda na tenra infância, aos três anos de idade, mas só na vida madura, aos 43 anos, ousou revelá-las. De acordo com Peter Dronke (1995), Hildegarda de Bingen sentiu uma “pressão irresistível” que a obrigou a deixar de manter oculto o seu dom, coragem que poderia ter vindo após a morte de Jutta de Spanheim e sua eleição como abadessa do mosteiro de Disibodenberg em 1136<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Superiora de um mosteiro ou de uma congregação monástica, dotada de autonomia jurídica. Abadessa é o termo feminino de Abade que deriva da palavra aramaica *Abba*, que significa “pai” (Glossário de Cultura Católica. Termos ou Conceitos, 2010, p. 5).

<sup>3</sup> Fundada por Bento de Núrsia (480-547) na Abadia de Monte Cassino na Itália em 529, a Ordem Beneditina, também conhecida Ordem de São Bento é considerada a mais antiga ordem religiosa católica de clausura monástica. Tem como base de sua regra os princípios do *Ora et Labora* (Reza e Trabalha), que consiste em estabelecer a seus membros momentos de contemplação e oração (Ofício Divino) alternados com atividades de trabalho manual como meio de afastar as tentações e alcançar a santidade.

<sup>4</sup> De família nobre e apenas seis anos mais velha que Hildegarda, a filha do Conde *Stephen de Spanheim*, *Jutta de Spanheim* era a abadessa da ala feminina do mosteiro de *Disibodenberg*.

<sup>5</sup> DRONKE, Peter. *Las escritoras de la Edad Media*. Barcelona: Critica. 1995, p. 206.

De acordo com Hildegarda de Bingen, as visões eram um mandato da Sabedoria e cumprir ou não as ordens que vinham delas refletia diretamente em sua vitalidade ou fraqueza corporal.<sup>6</sup> Apesar de ter estado muitas vezes fraca e doente desde a juventude, decidiu depois dos sessenta anos sair para pregar fora do mosteiro - algo incomum às mulheres - atitude tomada depois de uma visão<sup>7</sup>.

A convite primeiro de Adriano IV e depois de Alexandre III, Hildegarda exerceu um apostolado fecundo — na época não muito frequente para uma mulher — efetuando algumas viagens não sem incômodos e dificuldades, para pregar até nas praças públicas e em várias igrejas-catedrais, como aconteceu entre outras em Colônia, Tréveros, Liege, Mogúncia, Metz, Bamberga e Würzburg. (BENTO XVI, Carta Apostólica para Perpétua Memória de Santa Hildegarda de Bingen)

Conhecida como a Sibila do Reno<sup>8</sup>, Hildegarda de Bingen tornou-se famosa por suas visões, que não só a tornaram reconhecida, como lhe deram o status de oráculo e profetiza, conselheira de diversos dirigentes, laicos ou não. Notável por sua autoridade exercida como visionária, a abadessa de Bingen fundou dois mosteiros femininos aos quais geria e administrava pessoalmente<sup>9</sup>.

Hildegarda de Bingen também destacou-se como estudiosa da botânica e grande conhecedora da utilização de frutas, verduras e cereais para o restabelecimento da saúde<sup>10</sup>. Este conhecimento era aplicado no cuidado aos doentes tratados nas enfermarias dos

---

<sup>6</sup> DRONKE, Peter. *Las escritoras de la Edad Media*. Barcelona: Critica. 1995, p. 204, 208, 222.

<sup>7</sup> Hildegard de Bingen foi não apenas autorizada a divulgar todo um complexo quadro visionário, mas também a pregar em público na sua região e em diversas outras cidades, o que era espantoso para uma mulher, em qualquer fase da história da Igreja, e especialmente na Idade Média (PALAZZO, 2002, p. 145).

<sup>8</sup> Dois séculos após sua morte (mais precisamente em 1383), Hildegarda passou a ser chamada de Sibila do Reno (BOOTH et alii, 2001, t. XI, p. 494). Era sibila no sentido mais genuinamente cristão, pois já havia *sibyllae* entre os romanos e *Σίβυλλᾶι* entre os gregos; à Hildegarda de Bingen foi concedido o dom celeste de prever as coisas que ainda não de ocorrer (OLIVEIRA e FROTA, 2018, p. 81).

<sup>9</sup> [...] Hildegard funda inicialmente o convento de São Rupert, próximo a Bingen, onde se instala a partir de 1152 e onde, como abadessa, passa a ter maior liberdade. Mais adiante funda uma segunda casa, em Eibingen pois à medida em que seu nome torna-se conhecido, já então como Hildegard de Bingen, cresce o número de nobres que desejam colocar as filhas sob os cuidados de uma figura de tanto prestígio (PALAZZO, 2002, p. 144).

<sup>10</sup> PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996, p. 86.

mosteiros. Para a visionária de Bingen, corpo e espírito não eram dualidades, toda a matéria era nobre e inseparável do espírito<sup>11</sup>.

São de autoria de Hildegarda de Bingen dois tratados sobre medicina desenvolvidos no Ocidente do século XII. De acordo com Régine Pernoud (1996), “ela compôs uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos da época, na Alemanha, em matéria de ciências naturais e de medicina”<sup>12</sup>. Em suas obras relacionadas ou não à medicina, Hildegarda de Bingen apresenta a visão de equilíbrio e harmônica relação entre céu e terra: fenômenos astrais, animais, plantas e seres humanos. As concepções de macro e microcosmos estão presentes em seus tratados para corroborar sua concepção do homem e do Divino.

Em suas obras teológicas encontramos uma constante exaltação do sagrado e da presença divina na natureza e no homem. Nos escritos de suas visões expôs sua teologia sobre a Trindade e a harmonia entre os elementos da natureza e o homem dentro do universo. Também são conferidas a ela a criação de uma língua ignota e a escritura de peças teatrais, muitas delas encenadas dentro do próprio mosteiro.

## **1.2 Vida nos Monastérios e Memória Feminina**

Hildegarda de Bingen é uma das inúmeras representações da riqueza cultural e sabedoria feminina oriundas do período medieval. Sua vida e as múltiplas faces de sua obra na música, poesia, medicina e teologia dentre outros campos, são a prova não somente da autoridade que exerceu e dos feitos que alcançou, mas também do frutífero período de liberdade feminina desfrutado pelos grupos de mulheres religiosas ou não, que atuaram na cristandade.

Entender a maneira com que estas ricas contribuições femininas se deram no período medieval é um sinal de novidade e esperança que a história das mulheres nos proporciona. Novidade porque durante muito tempo não só Hildegarda de Bingen, mas

---

<sup>11</sup> MARTINENGO, Marirí. La armonía de Hildegarda – Um epistolario sorprendente. In: Poggi, Claudia, Santini, Marina, et al. *Libres para ser – Mujeres creadoras de cultura em la Europa Medieval*. Madrid: Narcea, 2000, 19-50, p. 47.

<sup>12</sup> PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996, p.83.

também Heloísa (1090-1164), Duoda (803-843), Trótula de Salerno (1110-1160), Isabel de Vilhena (1430-1490) e Cristine de Pizan (1363-1430) dentre tantas outras mulheres notáveis, foram colocadas de lado, assim como suas produções.

Neste sentido, o estudo do período medieval deve também, como afirma Jornet i Benito (2006), estar consciente sobre o binômio poder-memória, profundamente relacionado quando se trata da história de uma cultura feminina medieval, pouco conhecida, divulgada e por muitas vezes não reconhecida:

Nas últimas décadas do século XX, a história das mulheres, ligada mais ou menos intensamente ao pensamento feminista, procurou recuperar as mulheres como objetos dignos de memória, para verificar, nas palavras de Fina Birulés, mais de sua ausência no tempo e na história, a subvalorização de suas ações, em grande parte devido à sua separação do poder e um não reconhecimento que se enquadra em uma estrutura geral de dominação. (JORNET I BENITO, 2006, p. 40)<sup>13</sup>

Isso porque, da mesma forma em que o poder define o que deve ser mantido e recordado, passando a constituir como memória e registro, faz também o efeito inverso ao apontar o que deve ser esquecido e descartado, não perdurando como memória. Através desta relação entre memória e poder, Jornet i Benito (2006) afirma que na manutenção da memória comum, amplos âmbitos da sociedade podem acabar esquecidos apenas pelo fato de estarem desconectados do poder e/ou de suas estratégias de manutenção.

Inseridas em uma sociedade de cultura patriarcal, as mulheres e suas histórias estiveram muitas vezes encobertas pelo véu do esquecimento e até mesmo da dúvida, seja pelo questionamento de seus feitos ou até mesmo de sua existência. Um exemplo é Trótula de Salerno<sup>14</sup>, que durante muito tempo teve seus escritos médicos associados a

---

<sup>13</sup> Tradução livre do espanhol: *En las últimas décadas del siglo XX, la historia de las mujeres, ligada con más o menos intensidad al pensamiento feminista, se ha esforzado en recuperar a las mujeres como objetos dignos de la memoria, para constatar, en palabras de Fina Birulés, más que su ausencia en el tiempo y en la historia, la minusvalorización de sus acciones, en gran parte debida a su separación del poder y a un no-reconocimiento que se inscribe en un marco general de dominación.*

<sup>14</sup> Médica, escritora e mestra na Escola Médica Salernitana, Trótula de Salerno (1110-1160) foi pioneira na ginecologia e obstetrícia do século XII, tendo escrito diversos tratados médicos sobre saúde da mulher. A partir do século XVI, teve sua historicidade questionada e a autoria de seus escritos passaram a ser atribuídos a uma identidade masculina. Ver PINHO, Lúcia Regina Oliveira. Trótula de Salerno: périplo na história e historiografia. TCC apresentado à Universidade de Brasília em 2016. Disponível em [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15710/1/2016\\_LuciaReginaOliveiraePinho\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15710/1/2016_LuciaReginaOliveiraePinho_tcc.pdf)

uma autoria masculina. Somente a partir do século XX houve uma tentativa de resgate e recuperação da história desta e de outras mulheres esquecidas ao longo do tempo.

Portanto, estudar Hildegarda de Bingen é promover um resgate da história da cultura feminina medieval nas suas diversas manifestações e nuances. Através dela podemos entender como a liberdade feminina em seu período permitiu a ela e suas monjas, assim como a outros grupos religiosos reconhecidos ou não pela Igreja, desenvolverem espaços de liberdade e ressignificação de seus papéis sociais.

De acordo com Jornet i Benito (2006), é possível constatar a clara presença de uma memória feminina e sua tentativa de perpetuação na história pela ação fundadora de diversos grupos religiosos de mulheres e sua presença nos espaços ligados à mística e contato com o divino, a exemplo dos mosteiros:

Um dos lugares onde podemos resgatar a memória feminina é, sem dúvida, na ação de fundar projetos ou espaços ligados à religiosidade, à conexão humana com a transcendência. Um gesto repetido por mulheres de todos os tempos, muitas vezes em companhia ou em relação a outra ou outras, e que nos séculos centrais da Idade Média europeia teve um papel de destaque, pois grande parte da historiografia contemporânea foi capaz de verificar e documentar (JORNET I BENITO, 2006, p. 41).<sup>15</sup>

De acordo com Marirì Martinengo (2000), os espaços religiosos foram os grandes propulsores de liberdade feminina<sup>16</sup>. Apesar de muitas vezes restritos às classes mais altas, estes lugares significavam a escolha de uma vida “fora dos esquemas”, onde era possível cultivar uma espiritualidade autêntica e desenvolver diferentes aptidões que não constituiriam prioridade na vida de uma mulher casada:

[...] nos círculos monásticos, as mulheres foram capazes de exercer maior autonomia, de viver uma vida espiritual mais rica e original (misticismo e filosofia profética foram cultivadas em mosteiros), para colocar em prática habilidades de gestão àquelas que tinham aspiração e talento para fazê-lo, mais

---

<sup>15</sup> Tradução livre do espanhol: *Uno de los lugares em que podemos rescatar memoria feminina es, sin duda alguna, em la acción de fundar proyectos o espacios ligados a la religiosidade, a la vinculación humana con la transcendencia. Un gesto repetido por mujeres de todos los tiempos, a menudo em compañía o em relación con otra u otras, y que en los siglos centrales de la Edad Media europea tomó un destacado protagonismo, como gran parte de la historiografía contemporánea ha sabido constatar y documentar.*

<sup>16</sup> Por liberdade feminina entende-se o conceito apresentado por Maria Milagros Rivera Garretas de liberdade feminina como liberdade relacional entre homens e mulheres, não individualista. “É liberdade ‘com’, aberta aos dois, muito distinta da mônada solitária masculina que gera mônadas idênticas sempre solitárias” (RIVERA GARRETAS, 2006, p. 149).

do que teria sido possível se tivessem ficado no mundo, dada a estrutura social da época (MARTINENGO, 2000, p. 24).<sup>17</sup>

Brochado (2014) destaca que o conhecimento produzido pelas instituições - imprescindível para o acesso às formas de poder e também à sua geração - era predominantemente de posse masculina, apesar de ainda assim uma minoria dos homens terem acesso a ele. De acordo com a autora, às mulheres estariam reservados outros espaços, onde não caberia este conhecimento, com exceção dos grupos religiosos femininos, onde as mulheres não só poderiam acessar como também produzir conhecimento:

O saber institucionalizado, determinante para o acesso a quase todas as formas de poder - e, obviamente, seu gerador - era de domínio do racional e, em geral, dos homens, mas acessível a poucos deles. Às mulheres atribuíam-se outros espaços, nos quais, segundo a voz dominante, elas seriam mais úteis, dada sua condição. Um dos poucos grupos femininos que conseguia escapar efetivamente desse controle, e ao qual era permitido ter acesso a algum tipo de saber, era o de mulheres religiosas que, dado o seu isolamento do mundo exterior, em geral geravam e consumiam elas mesmas esse saber (BROCHADO, 2014, p. 376).

Para Rivera Garretas, Varela Rodrigues e García Herrero (2007), o acesso à leitura, a escrita e a diferentes saberes torna-se para essas mulheres uma via de liberdade, pois embora recebam uma cultura letrada quase que exclusivamente masculina, as mulheres que a recebem passam a dar uma nova significação e sentido a tudo aquilo que aprendem e repassam umas às outras, constituindo a partir disso uma memória de origem e registros femininos.<sup>18</sup>

A esta construção e perpetuação de uma memória feminina na história, Jornet i Benito (2006) ressalta o fato de que esta também se dá através de diversos registros simbólicos que comprovam a presença e forma de fazer e saber das mulheres. Exemplos são os autos teatrais representados nos conventos, as lendas e tradições orais que envolvem a fundação de algumas ordens femininas, os tratados religiosos escritos por

---

<sup>17</sup> Tradução livre do espanhol: *Sin embargo en los círculos monásticos las mujeres tenían la posibilidad de ejercer mayor autonomía, de vivir una vida espiritual más rica y original (la mística y la filosofía profética se cultivaron en los monasterios), de poner en práctica aptitudes directivas quien tenía aspiración y talento para ello, más de lo que hubiera sido posible si se hubiese quedado en el mundo, dada la estructura social de la época.*

<sup>18</sup> RIVERA GARRETAS, Maria Milagros; RODRIGUES, Maria Elisa Varela; GARCIA HERRERO, María del Carmen. Prólogo: Leer biografías: una pasión sexuada. In: *Vidas de Mujeres del Renacimiento*. Barcelona: UBe, 2007, p. 14.



mulheres ou os relatos do cotidiano que estruturam a memória histórica destas comunidades.<sup>19</sup>

É justamente em ambiente monástico que Hildegarda de Bingen pôde desenvolver seu importante papel de autoridade, gestora e guia. Tendo acesso desde cedo a ricos saberes, foi por meio deste conhecimento e de suas visões que a monja pôde conduzir com autonomia muitas de suas ações, como a corajosa mudança de suas irmãs de uma ala feminina no mosteiro misto em Disibodenberg, para um mosteiro exclusivamente feminino fundado por ela em Rupertsberg<sup>20</sup>.

Régine Pernoud (1996) comenta a importância desta mudança para o rumo daquele grupo de mulheres. Com a aprovação do papa Eugênio III (1085-1153)<sup>21</sup>, Hildegarda parte com seu grupo de monjas para a cidade de Bingen, o novo lugar que uma das visões lhe havia indicado:

(...) em algumas palavras o papa dá sua aprovação à transferência das dezoito religiosas congregadas em torno da abadessa do mosteiro de São Disibod para essa localidade, em Bingen, que ela tornará famosa. De fato, desde algum tempo tornava-se evidente que sua comunidade já não cabia no convento. Era preciso pensar em outra instalação. Hildegarda falou com o abade e com os frades sobre esse lugar que, dizia, o Espírito Santo lhe indicara (PERNOUD, 1996, p. 24).

De acordo com Martinengo (2000), em Hildegarda de Bingen pode-se ver não somente o aconselhamento com autoridade e a prática de uma mística feminina como também, na prática, o espaço do mosteiro é moldado dentro deste espírito de liberdade. As monjas tinham nos ambientes religiosos a oportunidade de estudar, com acesso à leitura de diferentes obras, a composição de óperas e cantos litúrgicos, peças teatrais, e ao estudo da botânica para fins medicinais:

(...) nos mosteiros de Hildegarda as mulheres praticavam canto, música, escrita. Havia aquelas que compunham hinos, poesia, teatro. Se cultivavam

---

<sup>19</sup> JORNET I BENITO, Núria. La relación com los recuerdos: la autoridad y el poder de la memoria. In: Maria-Milagros Rivera Garretas, (dir.); *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirand lo Blanch, 2006, p 42-43.

<sup>20</sup> Localizado na cidade *Bingen am Rhein* na Alemanha, o mosteiro de Rupertsberg, fundado por Hildegarda em 1150, foi construído sobre as ruínas de um mosteiro antigo construído sobre a tumba de São Ruperto de Bingen (712 - 732).

<sup>21</sup> Nomeado como Papa Eugênio III em 15 de fevereiro de 1145, o italiano Pier Bernardo Pignatelli pertencia à ordem de Cister e foi um dos discípulos de Bernardo de Claraval (1090-1153).

ervas para a saúde e se experimentavam os cuidados com o corpo. A educação no sentido estético também passa pela finura de vestidos, jóias e ornamentos (MARTINENGO, 2000, p.35).<sup>22</sup>

Um episódio que marca a diferente forma da abadessa de Bingen conduzir o seu grupo de irmãs está presente na mudança da vestimenta de suas monjas que, contrariando o hábito negro beneditino, passam a usar o branco, e na utilização de cabelos soltos e joias em dias de festa. De acordo com Hildegarda de Bingen, as religiosas, como modelo virginal de beleza e virtude poderiam se arrumar de maneira especial nestas ocasiões. Para Marirì Martinengo (2000) esta atitude, inspirada por uma visão, é mais uma prova da liberdade com que Hildegarda poderia proceder.

Como é seu costume, Hildegarda usa sua visão e tradição escrita para motivar e legitimar seus desejos. Na visão que conta a Gilberto, ela vê "que, ao contrário das ordens eclesiásticas masculinas, as femininas não têm sinais luminosos e, portanto, decide, com autoridade, que as mulheres em seu mosteiro abandonem suas vestes negras e penitenciais e se vistam de luz". (...) A beleza da alma se reflete na beleza do corpo, no corpo de uma mulher, que não deve ser mortificada ou censurada, mas sim cuidada e valorizada: não devemos humilhar a obra de Deus, mas glorificá-la. Hildegarda quer que a felicidade da visão seja traduzida concretamente; no que seja possível, ela quer fazer o Paraíso na terra (MARTINENGO, 2000, p. 35).<sup>23</sup>

### 1.3 Autoridade Feminina<sup>24</sup> no Século XII

Tratar da autoridade de Hildegarda de Bingen implica falar sobre o poder de influência que a abadessa teve entre seus contemporâneos. A religiosa até então desconhecida, passou a ter grande fama após a divulgação de suas visões, que tinham a

---

<sup>22</sup> Tradução livre do espanhol: (...) *en los monasterios de Hildegarda las mujeres practicaban el canto, la música, la escritura. Había quien componía himnos, poesía, teatro. Se cultivaban hierbas para la salud y se experimentaban los cuidados del cuerpo. La educación en sentido estético pasa también a través de la finura de los vestidos, joyas, adornos.*

<sup>23</sup> Tradução livre do espanhol: *Como es su costumbre, Hildegarda utiliza su visión y la tradición escrita para motivar y legitimar sus deseos. En la visión que cuenta a Gilberto, ve "que, a diferencia de las órdenes eclesiásticas masculinas, las femeninas no tenían signos luminosos y por lo tanto decide, con autoridad, que las mujeres en su monasterio, abandonen su vestido negro penitencial y se vistan de luz. (...) La belleza del alma se refleja en la belleza del cuerpo, cuerpo de mujer, al que no hay que mortificar ni censurar, sino cuidar y valorar: no hay que humillar la obra de Dios, sino glorificarla. Hildegarda quiere que la felicidad de la visión se traduzca concretamente; en lo que le sea posible, quiere hacer el Paraíso en la tierra.*

<sup>24</sup> A autoridade feminina constitui para Muraro (1994) uma competência simbólica definida como capacidade de fazer ordem, de compreender, de decidir sobre si para afirmar, para julgar. (Muraro, Luisa. *Autoridad sin Monumentos* in DUODA Revista d'Estudis Feministes número 7, 1994, p. 86).

aprovação eclesiástica de Bernardo de Claraval (1090-1153)<sup>25</sup> e do Papa Eugênio III. Ambos cistercienses e figuras de grande importância e autoridade na Igreja, de acordo com Carmen Lícia Palazzo (2002), eles foram imprescindíveis para que a primeira obra visionária de Hildegarda de Bingen, *Scivias*<sup>26</sup> fosse reconhecida e divulgada:

O interesse de Bernardo de Claraval foi decisivo para que o *Scivias* recebesse irrestrita aprovação. Em 1147 o Papa Eugênio III, também cisterciense e antigo discípulo de Bernardo, convocou um sínodo a ser realizado em Trier, no qual o tema principal seria o problema da ingerência da nobreza em assuntos da Igreja, especialmente na indicação de abades e bispos. [...] Nesta oportunidade, aproveitando a presença da mais alta autoridade eclesiástica em terras germânicas, o arcebispo de Mainz, certamente interessado em divulgar seu arcebispado, trata de anunciar a Eugênio III a obra de Hildegard, ainda em andamento. O Papa envia, então, uma comissão a Disibodenberg com o objetivo de avaliar o trabalho da monja, recebendo em seguida uma parte já escrita do *Scivias*, que aprova de imediato (PALAZZO, 2002, p. 142).

A partir deste veredicto, Hildegarda de Bingen passa a ser constantemente procurada e estabelece um constante diálogo com diversas autoridades políticas e religiosas de sua época. A correspondência da abadessa de Bingen é uma prova deste constante contato. Ela trocou cartas não só com Bernardo de Claraval, mas também com papas e cardeais, príncipes e reis. De acordo com Peter Dronke (1995), Hildegarda de Bingen reforçava sua função de profetiza recebendo diversos pedidos de conselho e os oferecendo voluntariamente a diversos dirigentes laicos e religiosos de sua época:

Entre seus correspondentes estão três papas (Anastácio IV e Adriano IV, além de Eugênio III), monarcas (Conrado III, Frederico Barba Ruiva<sup>27</sup>, Henrique II

---

<sup>25</sup> Uma das maiores autoridades eclesiásticas do século XII, Bernardo de Claraval foi o líder do movimento que pretendia diminuir a influência da nobreza nos assuntos da Igreja e também promover a reforma na ordem beneditina pela recuperação da austeridade e retorno à ortodoxia na observação da regra de São Bento. De acordo com Carmen Lícia Palazzo (2002) a primazia pela ortodoxia e a forte contraoposição ao relaxamento na observação da regra beneditina pelos monges de Cluny tinha para Bernardo de Claraval a aversão não só aos luxos praticados por esses monges, mas também aos ensinamentos do cluniacense Aberlado (1709-1142) que fazia a associação da lógica aristotélica e do pensamento racional para a explicação dos dogmas. De acordo com a autora, este fato poderia ter favorecido a aprovação de Bernardo de Claraval aos escritos visionários de Hildegarda de Bingen, já que “O conteúdo do maravilhoso inerente à própria ideia de visões era uma alternativa ao uso sistemático da dialética e à busca de explicações racionais que marcaram o percurso intelectual abelardiano” (PALAZZO, 2002, p. 144).

<sup>26</sup> *Scivias* é a abreviação do título em latim *Scito Vias Domini*, traduzido como Conhece os Caminhos do Senhor. Esta é a primeira obra sobre as visões de Hildegarda e demorou cerca de 10 anos para ser concluída (de 1141 a 1151), com a ajuda do monge Volmar, seu amigo e escriba.

<sup>27</sup> Eleito em 4 de março de 1152, Frederico I, mais conhecido como Frederico Barbarossa ou Frederico Barba Ruiva, foi o Imperador do Sacro Império Romano Germânico de 1152 a 1190. De acordo com Régine Pernoud (1996), ainda no início de seu reinado, o próprio Frederico Barba Ruiva convidou Hildegarda de Bingen a visita-lo em seu palácio de Ingelheim, para pedir conselhos e orientações. Ver capítulo O imperador a monja (PERNOUD, 1996, p. 55).

da Inglaterra, Eleanor da Aquitânia e a imperatriz bizantina Irene), bem como uma multidão de dignitários menores (DRONKE, 1995, pag. 207).

Em um episódio presente no epistolário de Hildegarda de Bingen descrito por Peter Dronke (1995), Hildegarda se corresponde com Frederico Barba Ruiva (1152-1190), o famoso imperador do Sacro Império Romano Germânico. Utilizando de sua autoridade como profetiza, ela não tem medo de repreendê-lo quanto às suas atitudes e inclusive o adverte sobre sua conduta contra a Igreja e a ortodoxia<sup>28</sup>:

Hildegarda é capaz de enviar ao imperador Frederico Barba Ruiva uma carta em que exibe um espelho da conduta principesca, e então (provavelmente em 1164, quando Frederico nomeou um antipapa pela segunda vez) uma advertência feroz: comporta-se "como uma criança e como alguém que vive loucamente" (*velut parvulum et velut insane vivetem*) (DRONKE, 1995, p. 207).<sup>29</sup>

Da mesma forma que diversos dirigentes se dirigiam a Hildegarda de Bingen, também muitas abadessas se correspondiam com ela pedindo conselhos e orientações sobre como proceder na administração de seus mosteiros. Mesmo com a existência dos padres confessores, que também desempenhavam o papel de conselheiros espirituais de muitas destas religiosas, de acordo com Marirî Martinengo (2000), escrever para Hildegarda de Bingen e confiar nos seus ensinamentos e conselhos era o que nutria muitas dessas religiosas, que a tinham como referência e exemplo.

Hildegarda faz uma distinção: mulheres que confiam em seu pensamento e atividade, no julgamento de outra mulher maior - as cartas de seus correspondentes atestam isso - recebem em troca as energias que alimentam sua inventividade, sua audácia e criatividade; elas se tornam professoras de vida, luz e orientação. Por outro lado, mulheres que se colocam à mercê do julgamento dos homens ou internalizam o olhar que sempre as vê de acordo com eles, reduzem seu prestígio natural, caem prisioneiras e se deixam dominar por uma ideologia que as torna meio e não fim (MARTINENGO 2000, p. 39).<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> Aquilo que se relaciona com o ortodoxo. Significa no campo teológico aquilo que está em perfeito acordo com a doutrina da fé (Dicionário de Teologia Dogmática, 1955, p. 270).

<sup>29</sup> Tradução livre do espanhol: *Así, Hildegarda es capaz de enviar al emperador Federico Barbarroja tanto una carta en la que le expone un espejo de conducta principesca, como luego (probablemente en 1164, cuando Federico designó por segunda vez un antipapa) una feroz advertencia: se comporta "como un niño y como alguien que vive alocadamente" (velut parvulum et velut insane vivetem).*

<sup>30</sup> Tradução livre do espanhol: *Hildegarda hace una distinción: las mujeres que se confían en su pensamiento y actividad, al juicio de otra mujer más grande – las cartas de sus corresponsales dan fe de ello – reciben a cambio las energías que alimentan su inventiva, su audacia y creatividad; se convierten en maestras de vida, luz y guía. En cambio las mujeres que se ponen a merced del juicio de los hombres o*

No caso de Hildegarda de Bingen, as cartas trocadas entre ela e outras abadessas demonstram a importância de seu papel como guia e conselheira. Diante das adversidades e dificuldades enfrentadas pela gestão feminina nos mosteiros, a abadessa de Bingen reforça a importância de que essas mulheres continuem em suas atividades, principalmente diante do desejo de muitas delas em abandonar o mosteiro para viverem como eremitas<sup>31</sup>, na vida contemplativa<sup>32</sup>.

A exortação evangélica às vezes direta e dura nestas correspondências faz parte do encorajamento para que as abadessas continuem em seus cargos e não se deixem abater pelas dificuldades enfrentadas. De acordo com Marirì Martinengo (2000), é neste momento que o aconselhamento de uma mestra maior, em situação semelhante a elas se faz tão importante:

As mulheres que têm a responsabilidade de liderar a outras lamentam ter muitos problemas e dificuldades no desenvolvimento de sua posição, e para superá-las, depositam sua confiança em alguém semelhante a elas - mulher e em posição de governo - mas localizada em um nível mais alto, como intérprete da verdadeira luz. (MARTINENGO, 2000, p. 22)<sup>33</sup>

Ainda acordo com Marirì Martinengo (2000), Hildegarda de Bingen é consciente de sua função e importância para outras mulheres. Por isso, temendo que os espaços ocupados por mulheres diminuíssem ou corressem algum risco de deixarem de existir, há todo um cuidado de recomendações por parte dela às mulheres que recorrem aos seus conselhos:

Hildegarda temia a dispersão e destruição das energias femininas que confirmariam na hierarquia eclesiástica a suspeita de volubilidade nas mulheres, trazendo como consequência seu isolamento e conseqüentemente a

---

*interiorizan la mirada que siempre las ve según ellos, rebajan su natural prestigio, caen prisioneras y se dejan dominar por una ideología que las convierte en médio, no en fin.*

<sup>31</sup> Aquele ou aquela que escolhe viver sozinho (a) num lugar deserto ou inabitado para se consagrar à oração, ao contrário do Cenobita, que vive em comunidade. Os (As) eremitas abraçam a vida ascética, vivendo o isolamento total, em cabanas e grutas individuais, alimentando-se do que recebem de esmolas. (Glossário de Cultura Católica. Termos ou Conceitos, 2010, p. 20).

<sup>32</sup> MARTINENGO, Marirì. La armonía de Hildegarda – Um epistolario sorprendente. In: Poggi, Claudia, Santini, Marina, et al. *Libres para ser – Mujeres creadoras de cultura em la Europa Medieval*. Madrid: Narcea, 2000, p. 22.

<sup>33</sup> Tradução livre do espanhol: *Las mujeres que tienen la responsabilidad de dirigir a otras se lamentan de tener muchos problemas y dificultades en el desarrollo de su cargo, y para superarlos, ponen su confianza en alguien semejante a ellas – mujer y em posición de gobierno – pero situada a un nivel más alto, como intérprete de la verdadera luz.*

sobrevivência da hegemonia masculina. Pelo contrário, continuar numa área em que as relações privilegiadas entre as mulheres eram reais, tornaria efetiva a relação e o intercâmbio espiritual e intelectual entre elas. (MARTINENGO, 2000, p. 25)<sup>34</sup>

Neste sentido, a consciência de Hildegarda de Bingen sobre a importância de seu papel de autoridade na perpetuação dos espaços para as mulheres pode ser rememorado tempos depois na escritora Christine de Pizan (1363-1430)<sup>35</sup>. Mesmo não sendo contemporânea de Hildegarda de Bingen, em sua obra mais famosa chamada *A Cidade das Damas*<sup>36</sup>, Cristine de Pizan afirma o seguinte:

Filósofos, poetas, moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequenas condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar na minha alma e consciência se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres.<sup>37</sup>

A inquietude apresentada por Cristine de Pizan ao questionar o que se propagava sobre as mulheres, assim como sua reflexão sobre o que realmente fazia sentido para ela, demonstra uma consciência de atuação que se pode ver tanto em Cristine, quanto em Hildegarda. As duas sabem da importância de seus papéis na construção de uma ressignificação da figura feminina. Suas atitudes demonstram uma convicção no que faziam – Hildegarda de Bingen em suas cartas e Cristine de Pizan em suas obras – e a

---

<sup>34</sup> Tradução livre do espanhol: *Hildegarda temía la dispersión y destrucción de las energías femininas lo cual confirmaría en la jerarquía eclesiástica la sospecha de volubilidad en las mujeres, trayendo como consecuencia su aislamiento y por lo tanto la pervivencia de la hegemonía masculina. Por el contrario, continuar en un ámbito donde eran reales las relaciones privilegiadas entre mujeres, haría efectivos la relación y el intercambio espiritual e intelectual entre ellas.*

<sup>35</sup> A franco-italiana Cristine de Pizan (1363-1430) foi a primeira escritora a viver exclusivamente de suas obras. Ela também foi uma das principais expoentes da *Querela das Mulheres*, que lutava contra a misoginia na sociedade do século XIV.

<sup>36</sup> Concluído em 1405 o *Le Livre de la Cité des Dames*, traduzido como *O livro da Cidade de Senhoras*, foi escrito pela escritora Cristine de Pizan em resposta ao poema francês *Roman de la Rose*, Romance da Rosa de Jean de Meung (1240-1305), que trata do amor e das mulheres à luz de uma imagem negativa.

<sup>37</sup> PIZAN, Cristine. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Estudo e Tradução por Luciana Eleonora de Freitas Calado, Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Teoria Literária. Universidade de Pernambuco, 2006, p. 119. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7590/1/arquivo7802\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7590/1/arquivo7802_1.pdf)

maneira como poderiam interferir para que uma cultura misógina – incipiente em Hildegarda e consolidada em Pizan<sup>38</sup> – não florescesse em seus meios de convivência.

A autoridade de Hildegarda de Bingen também pode ser evidenciada no episódio em que alguns preladados<sup>39</sup> da cidade alemã de Magúncia, passam a questioná-la sobre o fato de ela ter enterrado nas terras do mosteiro um jovem nobre que havia sido excomungado. A insistência em fazer com que a abadessa retirasse imediatamente o corpo não só foi descumprida por ela, como também rebatida com veemência. De acordo com Marirì Martinengo (2000), tendo uma visão que lhe alertava a não desenterrar o corpo do jovem, a abadessa de Bingen resolve obedecer à ordem divina e desobedecer aos preladados, mesmo tendo consciência de que estes poderiam puni-la.

Advertida pela premonição divina, Hildegarda se recusou a obedecer, embora soubesse que estava fora da lei dos preladados, que poderiam puni-la com rigor. E, não apenas ela não obedeceu à intimidação, mas, com um gesto de desafio, removeu da sepultura do cavaleiro qualquer sinal pelo qual ela pudesse ser reconhecida entre as outras e simplesmente traçou sobre ela o sinal da cruz com seu báculo. (MARTINENGO, 2000, p. 41-42)<sup>40</sup>

Pela desobediência, Hildegarda de Bingen e suas irmãs sofreram sanções que muito lhe desgastaram: as monjas foram proibidas de receber os sacramentos, de tocar os sinos e também de cantar ou fazer música<sup>41</sup>. De acordo com Régine Pernoud (1996), a

---

<sup>38</sup> A liberdade feminina desfrutada no século XII por Hildegarda e suas monjas seria restringida de maneira gradativa nos séculos seguintes, fazendo com que ideias de aversão às mulheres e consequentemente a restrição de suas participações na sociedade como produtoras de conhecimento se torne ainda maior apenas por conta de sua condição como mulher [ver Revolução Aristotélica – Polaridade dos Sexos]. Diante deste fechamento dos espaços femininos e cerceamento da liberdade das mulheres, surge o movimento da Querela das Mulheres, ao qual Christine de Pizan faz parte.

<sup>39</sup> O Prelado corresponde ao Eclesiástico que está à frente de uma diocese ou de uma prelatura. É um outro nome para Bispo (Glossário de Cultura Católica. Termos ou Conceitos, 2010, p. 30).

<sup>40</sup> Tradução livre do espanhol: *Advertida por la divina premonición, Hildegarda rehusó obedecer, aunque sabía que se ponía fuera de la ley de los preladados, que podían castigarla con sus rigores. Y, no sólo no obedeció la intimación, sino que, con un gesto de desafío, hizo quitar de la tumba del caballero cualquier signo por la que se la pudiera reconocer entre las otras y trazó sencillamente sobre ella el signo de la cruz con su baculus.*

<sup>41</sup> Marirì Martinengo (2000) destaca a influência negativa que trouxeram estas pesadas sanções impostas pelos preladados ao convento de Hildegarda de Bingen. A proibição com relação à música e ao toque dos sinos era muito significativa não só que porque a música é essencial da liturgia beneditina, mas, sobretudo porque ela era a grande paixão de Hildegarda. Além disso, o toque dos sinos era vital para a marcação das atividades dentro do mosteiro. Sem eles, a desordem e a confusão poderiam atrapalhar toda a regularidade da vida comunitária. Em protesto às proibições feitas, Hildegarda de Bingen escreve uma carta aos preladados da Magúncia falando sobre a origem e finalidade da música como contato entre o homem e Deus, assim como o grave erro que as autoridades eclesiais estariam cometendo em proibí-la no mosteiro (MARTINENGO, 2000, p. 42-44).

abadessa usou de todos os recursos disponíveis para se defender até que conseguiu provar que o nobre não estava em situação de excomunhão quando morreu, e que, portanto, o corpo não teria motivos para ser retirado do mosteiro<sup>42</sup>.

#### 1.4 Autoridade, Genealogia Feminina e Ordem Simbólica Materna

Para Luisa Muraro (1994) diferente da relação de poder estabelecida no meio masculino, entre as mulheres há outra forma de organização, estabelecida pela concepção de autoridade, conceituada por ela como “capacidade de fazer ordem, de compreender, de decidir sobre si, de afirmar, de julgar”. Neste sentido, autoridade e poder seriam conceitos bem distintos, já que o poder estaria vinculado à “prática de dar ordens, de mandar, de julgar e de decidir para os outros”. De acordo com Jornet i Benito (2006), a concepção de autoridade faz parte do que compõe a ordem simbólica materna:

A transcendência da autoridade sobre o poder foi historicamente representada no feminismo da diferença; isto é, numa política não baseada na reivindicação de igualdade com o homem, mas na genealogia materna e na mediação feminina. A autoridade então aparece como criadora de uma ordem simbólica (JORNET I BENITO, 2006, p. 40).<sup>43</sup>

Na ação das mulheres nos grupos femininos medievais estaria a ideia da autoridade de outra mulher a quem se tem como referência e guia, aquela que tem a “capacidade de fazer ordem”, de mediar relações, de julgar e afirmar. Em contraposição estaria o poder exercido pelos homens e as instituições que dão ordens, impõem, julgam e decidem sobre os outros. Na construção de uma ordem simbólica materna também está presente a ideia de uma genealogia feminina.

De acordo com Marirì Martinengo (2000) na genealogia de origem materna<sup>44</sup> são enriquecidos os laços de ligação entre mulheres de diferentes idades, experiências,

---

<sup>42</sup> De acordo com Régine Pernoud (1996) “ela recebeu ajuda do arcebispo de Colônia, Philippe, que foi pessoalmente a Mayence levando com ele um cavaleiro que declarou ter sido absolvido da excomunhão juntamente com o homem sepultado em Rupertsberg. O próprio padre, que os havia inocentado a ambos, parece que estava presente” (PERNOUD, 1996, p. 128).

<sup>43</sup> Tradução livre do espanhol: *La transcendência de la autoridad con respecto al poder se ha representado históricamente en el feminismo de la diferencia; o sea, en una política no basada en la reivindicación de la igualdad con el hombre, sino en la genealogía materna y en la mediación femenina. La autoridad aparece entonces como hacedora de orden simbólico.*

<sup>44</sup> A genealogia feminina compreende-se a transmissão genealógica do saber de uma geração de mulheres para outra. Seria de acordo com Marirì Martinengo (2000), uma rede de relações femininas entre mães e



culturas e sensibilidade, o que a exemplo do que acontecia dentro dos mosteiros, fazia prosperar muitas delas, como Hildegarda de Bingen. Na genealogia também estaria presente a memória e reconhecimento de mulheres anteriores e o legado que deixaram. Essa rica troca consolidava a autoridade feminina e perpetuava uma tradição.

Construída a partir de laços de proximidade feminina que promovem a transmissão e aprimoramento de práticas passadas de geração em geração, uma ordem simbólica materna<sup>45</sup> passa a ser construída nos diversos grupos femininos que surgiram na idade média. Uma cultura de avós, mães e filhas.

A esta genealogia feminina, muito temos referência nos diversos e múltiplos grupos de mulheres medievais reunidas nas ordens religiosas, nas beguinhas<sup>46</sup> e até mesmo em outros grupos a exemplo da corte de mulheres a serviço de Isabel a católica<sup>47</sup>. Segundo Marirì Martinengo (2000), esse reconhecimento da autoridade estava presente na prática de relação das mulheres e Hildegarda era consciente de seu papel como mãe e mestra:

De fato, Hildegarda considerou que a mulher mais velha deveria ser uma guia (luz) para as mulheres que lhe haviam sido confiadas. Ela acreditava na transmissão genealógica do conhecimento de uma geração de mulheres para

---

filhas que por sua vez também serão mães de outras filhas. Neste sentido, se confere a configuração identitária do ser mulher ao longo das gerações pelo reconhecimento da contribuição de outras mulheres que vieram antes como substrato para construir a si mesma e a própria experiência.

<sup>45</sup> De acordo com Luisa Muraro a Ordem Simbólica Materna se baseia na relação mãe e filha e seu relacionamento harmonioso entre si – em contraposição à imposição de uma ordem simbólica masculina do regime patriarcal que acaba por destituir os laços de significação materna que dão sentido ao ser mulher e estar no mundo. De acordo com a autora, o amor dedicado à mãe já constituiria uma ordem simbólica porque entrega à mãe a função materna como função geradora, e não apenas reprodutiva: “Apenas a gratidão por a mulher que a trouxe ao mundo pode dar a uma mulher o sentido autêntico de si mesma”. De acordo com Muraro, a reafirmação de uma ordem simbólica materna também se constitui de maneira predominante através da linguagem: “Isso acontece, no entanto, se a língua materna for reapropriada, pois a ordem simbólica é basicamente a linguagem, ou melhor, as muitas línguas que falam conosco, já que antes de falarmos somos ‘falados’”. Entrevista de Luisa Muraro à Revista Italiana *Inchiesta* sobre A ordem simbólica materna em 1 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.inchiestaonline.it/donne-lavoro-femminismi/luisa-muraro-lordine-simbolico-della-madre/>

<sup>46</sup> As beguinhas constituem um expressivo grupo de mulheres do período medieval que, de acordo com Rivera Garretas (2005), adotaram uma forma de vida espiritual alternativa que não as comprometiam com a religiosidade nem com a Igreja constituída. Eram leigas que viviam como religiosas – por conta da clausura e do celibato, mas sem a ligação a uma ordem ou congregação. Nos beguinários – conventos em que viviam- elas exerciam uma espécie de diaconato feminino pelo serviço prestado aos mais pobres, enfermos, órfãos e prisioneiros. Muitas beguinhas tornaram-se grandes místicas e escritoras espirituais a exemplo de Matilde de Magdeburg, Beatriz de Nazaré, Hadewijch e Marguerite Porete.

<sup>47</sup> JORNET I BENITO, Núria. La relación com los recuerdos: la autoridad y el poder de la memoria. In: Maria-Milagros Rivera Garretas, (dir.); *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirand lo Blanch, 2006, p. 44.

outra e, para desenvolver essa função, as mulheres em posição de governo tinham que garantir a continuidade e, também, notáveis por sua perseverança, ser professoras de vida para as jovens discípulas (MARTINENGO, 2000, p. 25-26).<sup>48</sup>

A estes diferentes grupos femininos pertencem de acordo com Jornet i Benito (2006), o desejo por encontrar “vias de liberdade e de significação próprias”. Neste sentido, a adesão à vida religiosa significava uma alternativa pelo aprimoramento da instrução e da vida cultural, algo que não teria prioridade na vida de uma mulher casada.

### 1.5 O Protagonismo de Hildegarda à luz da Complementaridade dos Sexos

No que concerne à Política Sexual vivenciada entre homens e mulheres, a filósofa *Prudence Allen*<sup>49</sup> apresenta três teorias que são um norte para a compreensão das relações entre os sexos durante a História. São elas: a Complementaridade dos Sexos, a teoria da Polaridade, e a teoria da Unidade dos sexos.

A primeira delas, como o próprio nome indica, afirma que homens e mulheres apesar de substancialmente diferentes são iguais em valor, complementando um ao outro, que contribui a seu modo. Já a segunda teoria, baseada no que a autora chama de ‘revolução aristotélica’, também afirma que homens e mulheres são substancialmente diferentes, mas não haveria complementaridade e sim polaridade. Neste binário, o homem seria superior à mulher. Por fim, a teoria da unidade dos sexos ao tentar superar a dicotomia entre homens e mulheres, afirma que os sexos são iguais, não cabendo

---

<sup>48</sup> Tradução livre do espanhol: *Efectivamente, Hildegarda consideraba que la mujer más grande debe ser guía (luz) para las mujeres que se le habían confiado. Creía en la transmisión genealógica del saber de una generación de mujeres a la otra y, para desarrollar esta función, las mujeres en posición de gobierno debían garantizar la continuidad y, notables también por su constancia, ser maestras de vida para las jóvenes discípulas.*

<sup>49</sup> Batizada como Christine Hope Allen, a Irmã Mary Prudence Allen é uma filósofa norte-americana pertencente à congregação das Religiosas da Misericórdia. Escreveu sobre as teorias da diferenciação sexual na História sendo sua obra mais conhecida *The Concept of Woman. The Aristotelian Revolution 750 BC - AD1250* publicada em 1985. No fim de setembro de 2014 foi nomeada pelo Papa Francisco junto a outras quatro mulheres entre os 30 membros da Comissão Teológica Internacional (CTI), um organismo dependente da Congregação para a Doutrina da Fé. Embora em número reduzido, nunca antes a CTI teve um número tão expressivo de mulheres, que agora passam a representar dezesseis por cento dos membros da comissão, criada em 1969.

diferença entre um e outro. Essa teoria não considera as diferenças sexuais e leva a uma uniformização dos sexos, que trás o surgimento da ideia de um neutro universal<sup>50</sup>.

De acordo com a teoria da Complementaridade, homens e mulheres são diferentes em substância, mas iguais em valor. Neste sentido a mulher é um inteiro e o homem também. Para Rivera Garretas (2005), o período que compõe a complementaridade, foi o de maior efervescência no surgimento de novos e variados grupos religiosos e sociais femininos que puderam desfrutar de grande liberdade em suas organizações:

A teoria mais antiga das relações dos sexos documentada na Europa feudal é aquela que a filósofa do século XX, Prudence Allen, chamou de "complementaridade" dos sexos. Esta teoria dizia que mulheres e homens são substancialmente diferentes mas iguais. Em outras palavras, disse que somos diferentes em substância, substância que é a sede da diferença sexual, e iguais em valor, sendo, portanto, a mulher um todo e o homem um todo. (...) A teoria da complementaridade dos sexos foi, ao mesmo tempo, o efeito e causa de muita liberdade na vida das mulheres: são os séculos de expansão dos movimentos políticos e sociais mais de mulheres do que de homens como as beguinias e beatas (RIVERA, 2005, p. 96-97).<sup>51</sup>

Hildegarda apresenta constantemente em sua obra a ideia de complementaridade entre homens e mulheres, significando a riqueza das diferenças e o igual valor dos dois como criatura divina. De acordo com Bento XVI, “Hildegarda reconhece que nesta estrutura ontológica da condição humana se radica uma relação de reciprocidade e uma substancial igualdade entre homem e mulher”<sup>52</sup>.

De acordo com Marirì Martinengo (2000) este pensamento de complementaridade estaria expresso em alguns dos textos de Hildegarda que tratam da participação entre os

---

<sup>50</sup> De acordo com Rivera Garretas (2013), o neutro universal é a linguagem que, ao tentar superar a diferença entre o masculino e o feminino, passa a utilizar apenas o masculino em nome de uma universalidade. Para a autora, “o patriarcado, enquanto existe, tentou limitar a livre expressão da diferença sexual, apropriando-se do universal como mediação, dizendo-o no masculino e oferecendo ao feminino apenas uma participação implícita na mediação do humano” (RIVERA GARRETAS, 2013, p. 20).

<sup>51</sup> Tradução livre do espanhol: *La teoría mas antigua de las relaciones de los sexos documentada en la Europa feudal es la que la filósofa del siglo XX Prudence Allen ha llamado “de la complementariedad” de los sexos. Decía esta teoría que las mujeres y los hombres somos substancialmente diferentes y somos iguales. En otras palabras, decía que somos diferentes en sustancia, sustância que es la sede de la diferencia sexual, e iguales en valor, siendo, por tanto, la mujer un entero y el hombre un entero. (...) La teoría de la complementariedad de los sexos fue, a un tiempo, efecto y causa de mucha libertad en la vida de las mujeres: son los siglos de expansión de movimientos políticos y sociales más de mujeres que de hombres como las beguinias y beatas.*

<sup>52</sup> BENTO XVI, Carta Apostólica para Pérpeta Memória de Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento proclamada Doutora da Igreja Universal, em 7 de outubro de 2012.

princípios masculino e feminino na geração. Isso também é observado por Costa (2012) quando fala da análise de Hildegarda sobre o papel da mulher na concepção de uma criança:

(...) quando fala da concepção de uma criança, apresenta uma visão totalmente revolucionária em relação à concepção aceita na época, especialmente àquela aristotélica, que afirmava ser o homem o responsável pela definição dos caracteres de uma criança, sendo a mulher apenas um elemento passivo, “[...] um depósito ou receptáculo onde o homem colocava o esperma”, como sustentava Aristóteles. Para Hildegarda de Bingen, é o calor do útero materno que define ou dá forma a uma criança, a partir do seu sangue (COSTA, 2012, p. 200)

De acordo com Prudence Allen (1985) os séculos XII e XIII correspondem ao período medieval mais propício para a liberdade feminina, em particular até meados do século XIII. A partir de 1253, quando teve início a produção do que chama de Revolução Aristotélica passou-se progressivamente a disseminar a Teoria da Polaridade dos Sexos, em que a diferenciação entre homem e mulher é colocada em desigualdade ao afirmar que o homem seria superior. Este modelo, baseado nos estudos de Aristóteles, passou então a vigorar nos grandes centros de produção do conhecimento: as Universidades.

Em 1255, a Universidade de Paris impôs a leitura obrigatória das obras de Aristóteles e outras universidades a copiaram. De Aristóteles, foi lida, comentada e disseminada sistematicamente a teoria sobre as relações dos sexos que ele havia defendido - ou assim foi dito - quando ele viveu na Grécia no quarto século antes da era cristã (RIVERA, 2005, p. 98).<sup>53</sup>

De acordo com Rivera Garretas (2005), a revolução aristotélica, iniciada em meados do século XIII, foi resultado das investidas do setor conservador da Europa contra a teoria da complementaridade dos sexos. Utilizando o poder que este setor tinha sobre as universidades, a leitura das obras de Aristóteles e de sua teoria de diferenciação dos sexos trouxeram aos centros de produção de conhecimento a ideia de misoginia, que acabou por tornar os espaços de frutífero desenvolvimento da cultura feminina mais fechados e restritos:

A consolidação, no começo do século XIV, do triunfo das propostas da revolução aristotélica coincide com o início da difusão, primeiro na Itália e depois no resto da Europa, do movimento secular cultural e político que costuma ser chamado de humanismo: um movimento que, com a Renascença

---

<sup>53</sup> Tradução livre do espanhol: *En 1255, la Universidad de París impuso la lectura obligatoria de las obras de Aristoteles, y a ella le copiaron otras. De Aristoteles se leyó, se comentó y se divulgó sistemáticamente desde entonces la teoría sobre las relaciones de los sexos que él había defendido – o esto se decía – cuando vivió en la Grecia del siglo IV antes de la era Cristiana.*

que se seguiu, é considerado, pela historiografia científica, de progresso para a humanidade, mas que a historiadora feminista Joan Kelly, num texto já clássico, considerava de progresso para os homens e de regressão para as mulheres (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 99).<sup>54</sup>

Dessa forma, a construção do saber dentro das Universidades tornou-se atribuição vinculada apenas aos homens. Às mulheres não foi mais permitido frequentar estes espaços como mestras e alunas. As bases do Renascimento olhavam incessantemente para trás, e por trás da aura de avanços frente à chamada Idade Média acabaram trazendo retrocessos para as mulheres e seus espaços de frutífero desenvolvimento que aos poucos, deixam de existir.

É neste momento também que surgem enormes discussões sobre a clausura feminina. De acordo com Valéria Fernandes da Silva (2011), “o conceito de clausura prescrito pela regra beneditina era flexível e contextualizado”, e se tratava apenas do que dizia respeito ao espaço fechado do mosteiro e não de uma ideia de “prisão espiritual” que passa a ser oferecida às mulheres. Neste sentido, às monjas e monges era permitido sair da clausura quando necessário fosse para fazer uma viagem ou pregar em outros lugares:

As normas da Regra de São Bento são explícitas quanto ao fato de que os irmãos podem sair da clausura, isto é, da área reservada do mosteiro caso seja necessário, legislando sobre como devem se comportar fora do mosteiro, e como devem proceder ao retornar. A mesma leitura era feita nos mosteiros de mulheres, com monjas partindo em viagem quando necessário e mesmo pregando fora da clausura (SILVA, 2011, p. 7).

De acordo com Silva (2011) ainda no século XII começam a surgir determinações mais restritas quanto à clausura, que deixa de ser um tema periférico para alcançar o centro de um campo discursivo. “Tais discursos vão ganhando força ao longo do século XIII, culminando com a decretal papal *Periculoso*, que se propõe a colocar um ponto final à discussão sobre a clausura”. O decreto de 1298 determinava que todas as mulheres religiosas deveriam viver perpetuamente em estrita clausura, fechamento que coincide com o período de misoginia da Polaridade dos Sexos.

---

<sup>54</sup> Tradução livre do espanhol: *La consolidación, a principios del siglo XIV, del triunfo de las propuestas de la revolución aristotélica coincide con el comienzo de la difusión, en Italia primero y en el resto de Europa después, del movimiento cultural y político laico que se suele llamar Humanismo: un movimiento que, con el Renacimiento que le siguió, es considerado, por la historiografía científica, de progreso para la humanidad, pero que la historiadora feminista Joan Kelly, en un texto ya clásico, consideró de progreso para los hombres y de retroceso para las mujeres.*

## 2. A TEOLOGIA HILDEGARDIANA

### 2.1 Teologia Feminina: Sabedoria revelada às Mulheres

Proclamada Doutora da Igreja pelo papa emérito Bento XVI em 07 de outubro de 2012, Hildegarda de Bingen é a quarta mulher a receber este título pelo valor histórico, espiritual, religioso e místico atribuído à sua vida e obra. Seu reconhecimento como autoridade teológica foi feito pelo papa alemão e também teólogo Joseph Ratzinger durante o Sínodo<sup>55</sup> dos Bispos sobre a Nova Evangelização<sup>56</sup>. Ele também tornou o culto litúrgico local de Hildegarda<sup>57</sup> pertencente à toda a Igreja Universal.

Ao lado de Teresa de Ávila (1515-1582)<sup>58</sup>, Catarina de Sena (1347-1380)<sup>59</sup> e Teresa de Lisieux (1873-1897)<sup>60</sup>, Hildegarda de Bingen passa a compor o pequeno, mas valioso grupo de mulheres que trouxeram importantes contribuições religiosas e intelectuais não só à história da Igreja, mas também a seu tempo e sociedade. Ao elogiar a “perspicaz inteligência e capacidade de penetração das realidades celestes” da abadessa de Bingen, Bento XVI ressalta também sua importância para a atualidade:

---

<sup>55</sup> O mesmo que Concílio, o Sínodo é uma reunião dos bispos, feita para definir questões relativas à fé, a moral e a disciplina. O Sínodo é geral quando representa a toda a Igreja e particular quando representa só uma parte dela, podendo ser uma nação, várias províncias ou uma só província (Dicionário de Teologia Dogmática, 1955, p. 78).

<sup>56</sup> A XIII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos aconteceu de 7 a 28 de outubro de 2012 com o tema: A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã.

<sup>57</sup> A liturgia católica celebra o dia de uma santa ou santo na data de sua morte. Hildegarda de Bingen faleceu em 17 de setembro de 1179 aos 81 anos, portanto, sua memória é celebrada por toda a Igreja no dia 17 de setembro.

<sup>58</sup> Nascida em Ávila na Espanha como Teresa Sánches de Cepeda y Ahumada, Teresa de Ávila, também conhecida como Teresa de Jesus foi uma freira pertencente à ordem carmelita descalça. Foi canonizada em 1622 pelo papa Gregório XV e proclamada Doutora da Igreja por Paulo VI em 1970. É famosa por sua obra espiritual chamada *Caminho de Perfeição* em que apresenta um roteiro para a santidade e o crescimento espiritual.

<sup>59</sup> Padroeira da Itália, Catarina de Sena foi proclamada Doutora da Igreja pelo papa Paulo VI em 1970. Sua principal obra espiritual é *O Diálogo da Providência Divina*, em que trata do diálogo entre Deus e uma alma que ascende até ele. Acredita-se que a obra tenha sido ditada durante os êxtases de Catarina de Sena.

<sup>60</sup> Mais conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face, Teresa de Lisieux nasceu na França em 1873. Freira carmelita descalça, seus escritos espirituais autobiográficos estão reunidos na obra *A História de uma Alma*. Foi beatificada em 1923 e canonizada em 1925 por Pio XI. Em 1997 o papa João Paulo II a proclamou Doutora da Igreja.

E verdadeiramente, no horizonte da história, esta grande figura de mulher se define com clareza límpida por santidade de vida e originalidade de doutrina. Aliás, como para qualquer experiência humana e teológica autêntica, a sua importância supera decididamente os confins de uma época e de uma sociedade e, não obstante a distância cronológica e cultural, o seu pensamento manifesta-se de actualidade perene (BENTO XVI, Carta Apostólica para Perpétua Memória de Santa Hildegarda de Bingen).<sup>61</sup>

A actualidade perene de Hildegarda de Bingen pode ser notada em sua atuante presença na Igreja mesmo depois de sua morte. É interessante notar que, tanto a aprovação de Hildegarda e seus escritos visionários quanto a sua proclamação como Doutora da Igreja acontecem dentro de uma reunião eclesial, um Sínodo. Em Tréveris no ano de 1147 a Igreja buscava o combate à simonia e outras práticas desviantes. Hildegarda é então apresentada como um sinal de retidão dentro desta proposta, já que suas visões corroboravam com a ortodoxia da Igreja.

Mais de oitocentos anos depois, na Roma de 2012, o Sínodo sobre a Nova Evangelização buscava refletir sobre as evoluções culturais, migratórias, políticas e também religiosas no mundo do século XXI. Pensando o papel da evangelização e da Igreja na contemporaneidade, o papa Bento XVI apresenta e reverencia a figura de Hildegarda de Bingen pelos seus ricos valores femininos:

A atribuição do título de Doutor da Igreja universal a Hildegarda de Bingen tem um grande significado para o mundo de hoje e uma extraordinária importância para as mulheres. Em Hildegarda resultam expressos os valores mais nobres da feminilidade: por isso também a presença da mulher na Igreja e na sociedade é iluminada pela sua figura, tanto na óptica da pesquisa científica como na da acção pastoral. A sua capacidade de falar a quantos estão distantes da fé e da Igreja fazem de Hildegarda uma testemunha credível da nova evangelização (BENTO XVI, Carta Apostólica para Perpétua Memória de Santa Hildegarda de Bingen).

## **2.2 O Profetismo da Abadessa de Bingen**

O carácter profético de Hildegarda é iniciado já no Sínodo de Tréveris, realizado na Alemanha de novembro de 1147 a fevereiro de 1148. De acordo com Peter Dronke (1995), quando se produziu a confirmação papal dos escritos visionários de Hildegarda, também se confirma implicitamente a missão profética que a havia impulsionado a escrevê-los. Após um inquérito ordenado pelo papa Eugénio III e feito por dois prelados

---

<sup>61</sup> Carta Apostólica para Perpétua Memória de Santa Hildegarda de Bingen, monja professa da ordem de São Bento, proclamada Doutora da Igreja Universal, datada em 7 de outubro de 2012.

que visitaram pessoalmente a abadessa, estes, levam para Tréveris uma parte já escrita do Scivias. De acordo com o abade Jean Trithème, citado por Régine Pernoud (1996):

“O papa”, diz ele, “leu em público, diante de muitos assistentes os escritos da virgem; ele próprio, fazendo as vezes de leitor, expôs uma parte muito importante da obra. Todos os que ouviram os termos dessa leitura renderam, cheios de admiração, graças a Deus todo-poderoso”. O papa lendo diante dessa enorme assembleia a obra da pequena abadessa, até então só conhecida pelos que com ela conviviam, é com efeito um espetáculo surpreendente, e se atribui a São Bernardo a conclusão que foi a da assistência inteira: “É preciso impedir que se apague uma tão admirável luz animada de inspiração divina” (PERNOUD, 1996, p. 23).

Além dos escritos visionários em que Hildegarda fala em nome da “luz viva”, os constantes pedidos de conselho vindos de dirigentes laicos e religiosos de sua época através de inúmeras cartas, com as quais ela generosamente responde e admoesta, reforçam a sua função de profetiza e guia. Por fim, o outro importante aspecto de profetismo exercido por ela são as viagens que faz para pregar. De acordo com Peter Dronke (1995), a abadessa de Bingen pronuncia sermões diante de monges em conventos, ou de bispos e clérigos em sínodos e fala aos laicos nas cidades.<sup>62</sup>

O caráter profético de uma missão recebida por ordem divina não só guia, mas também é a base de todos os escritos visionários de Hildegarda de Bingen. A visionária fala como “boca de Deus”. De acordo com Bárbara Newman (2015), a primeira obra visionária de Hildegarda, o Scivias, faz um paralelo em diversos aspectos com a obra *Os sacramentos da fé cristã*, escrita por Hugo de São Vítor (1096-1141)<sup>63</sup> cerca de dez anos antes. Porém, traz uma diferença marcante entre a suma do teólogo e o escrito da visionária: “onde ele discute, ela afirma; onde ele fala em sua própria pessoa, ela fala *in persona Dei*”.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> De acordo com Régine Pernoud, (1996) no capítulo Viagens e Prédicas, provavelmente Hildegarda teria feito sua primeira viagem com propósito de pregação em 1160, com então 62 anos.

<sup>63</sup> Nascido na Saxônia em território que fazia parte do Sacro Império Romano Germânico, hoje atual Alemanha, Hugo de São Vítor foi um importante filósofo, teólogo e cardeal. Ainda jovem mudou-se para Paris e ingressou no mosteiro de São Vítor, primeiro como discípulo, depois como professor. Tornou-se posteriormente o principal professor da escola teológica de São Vítor. Escreveu diversos tratados teológicos. Alcançou grande estima e fama a ponto de ser considerado ‘um segundo santo Agostinho’.

<sup>64</sup> Bárbara J. Newman na Introdução do *Scivias* de Hildegarda de Bingen. Editora Paulus, 2015, p. 48



Da mesma forma, não somente as obras, mas também vários episódios da vida de Hildegarda de Bingen serão descritos por ela fazendo associações à vida dos profetas não só por causa da mensagem que anuncia, mas também as incompreensões, injúrias e sofrimentos enfrentados. Em um desses casos, Peter Dronke (1995) afirma que, quando a abadesa teve a visão de que deveria se mudar com suas monjas para um novo mosteiro, exclusivamente feminino, ela tinha certeza de que recebera um conhecimento profético por vontade divina.<sup>65</sup>

Na mudança para o novo mosteiro em Rupertsberg ainda em construção, Hildegarda descreve posteriormente em seus escritos as dificuldades que teve de enfrentar não somente em conseguir a autorização para a sua saída e a das outras monjas, mas também as provações que enfrentou depois que lá chegaram. A insatisfação de suas próprias irmãs e as constantes reclamações delas quanto ao fato de terem deixado de lado instalações prontas e confortáveis em Disibodenberg para se mudarem ao improvisado da construção do novo mosteiro ainda em meio à poeira, eram motivo de profunda tristeza e fadiga para Hildegarda, que tenta consolar a si mesma, reafirmando o aspecto profético de sua missiva:

Então vi em uma visão verdadeira que essas tribulações tinham me acontecido como a Moisés, porque quando ele levou os filhos de Israel do Egito ao deserto pelo Mar Vermelho, eles murmuraram contra Deus e desencorajaram Moisés, mesmo que Deus os tivesse iluminado com sinais maravilhosos (Ex 16, 2). Como os filhos de Israel desencorajaram Moisés, também me perturbaram, dizendo: "De que adianta que freiras nobres e ricas cheguem a esse sofrimento se estavam em um lugar onde não faltavam nada?" Esperávamos, no entanto, ser ajudadas pela graça de Deus, que havia nos mostrado aquele lugar (Hildegarda de Bingen, Livro 2: Vida y visiones de Hildegard von Bingen, 2001, p. 56).

De acordo com Peter Dronke (1995), outros paralelismos proféticos são apresentados por Hildegarda de Bingen quando ela narra a sua luta pela independência econômica e administrativa do novo mosteiro. Por conta da luta nesta reivindicação, ela narra que sofreu a mesma hostilidade por que passou Josué<sup>66</sup> e a mesma inveja com que

---

<sup>65</sup> DRONKE, Peter. Las escritoras de la Edad Media. Barcelona: Critica. 1995, p. 208-210.

<sup>66</sup> Josué era ajudante de Moisés e esteve presente durante a saída dos israelitas do Egito e os 40 anos em que percorreram o deserto do Sinai. Antes chamado de Oseias, Josué tem o seu nome mudado por Moisés para significar a nova responsabilidade que iria assumir diante de Deus e do povo de Israel. Foi ele quem liderou o povo de Israel após a morte de Moisés e o introduziu na terra prometida.

lançaram olhos os irmãos de José<sup>67</sup>. Mas que, da mesma forma que Deus sobreveio a ajudar a Josué e José, também a ajudara a se mudar e fundar o novo mosteiro com a independência que tanto precisavam para se manter.

De acordo com Régine Pernoud (1996), nas obras escritas de Hildegarda de Bingen, a exemplo do Scivias, sua primeira obra visionária, o emprego da palavra em latim *homo*, “homem”, no sentido de criatura humana serve para confirmar o caráter profético de Hildegarda, escolhida como representante da humanidade, para falar como “boca de Deus”. Dessa forma, ela afirma que nada diz por si mesma, mas apenas transmite as palavras que lhe são ditadas pela “Luz viva”. Esta condição é claramente observada na introdução do Scivias quando ela diz:

Eis aqui! No quadragésimo terceiro ano de meu percurso terrestre, quando eu estava observando com grande temor e trêmula atenção a visão celeste, vi um grande esplendor no qual ressoava uma voz do Céu, a dizer-me: “Ó frágil humano, cinzas das cinzas, e imundície da imundície! Dize e escreve o que vês e ouves. Contudo, visto que és tímido no falar e simples na exposição, e iletrado no escrever, fala e escreve estas coisas não por uma boca humana e não pela compreensão da invenção humana, e não por exigências de composição humana, mas como as vês e as ouves no alto dos lugares celestes, nas maravilhas de Deus. Explica estas coisas de tal modo que o ouvinte, recebendo as palavras de seu instrutor, possa expô-las naquelas palavras, de acordo com aquela vontade, visão e instrução. Assim, portanto, ó humano, fala estas coisas que vês e ouves. E escreve-as não por ti mesmo ou por qualquer ser humano, mas pela vontade daquele que sabe, vê e dispõe de todas as coisas no segredo de seus mistérios” (SCIVIAS, 2015, p. 95).

De acordo com Newman (2015), neste período Hildegarda de Bingen já era considerada por seus contemporâneos como um “oráculo” a que recorriam para pedir conselhos e orientações sobre os mais diversos assuntos. De acordo com João Vicente Oliveira e Rafael Frota (2018), muito importante é o fato de que através das visões, é manifestado à Hildegarda de Bingen o dom de enxergar o futuro:

Santa Hildegarda foi visionária, não no sentido pejorativo da pessoa “sonhadora ou utopista”, (...) nada há de utópico ou ilusório naquilo que Santa Hildegarda viu. Muito pelo contrário, ela tinha a capacidade de “ver espiritualmente fatos futuros ou distantes, como profecia ou advertência moral ensinada por Deus” (OLIVEIRA e FROTA, 2018, p. 81).

---

<sup>67</sup> José é o décimo primeiro filho de Jacó. Por causa da inveja dos irmãos é vendido por eles a mercadores ismaelitas que o vendem como escravo no Egito. Por conta da sua capacidade em interpretar sonhos, José consegue decifrar um dos sonhos do Faraó e se torna o seu primeiro ministro. Anos depois, diante da uma grande penúria pelo qual passava toda a terra, e que ele previu no sonho do Faraó, Deus o coloca novamente frente a frente com os irmãos.

De acordo com Poll (2010), não há como conceber o caráter visionário de Hildegarda de Bingen sem o aspecto profético, e nem o profetismo sem as visões. De acordo com a autora, “Hildegarda é uma mística em sua percepção do divino, mas uma profetisa em sua relação com Ele”<sup>68</sup>.

### 2.3 Autenticidade e Ortodoxia

Considerando a salutar contribuição de Hildegarda de Bingen dentro do imenso escopo de áreas em que se fez presente, podemos observar a importância de suas visões e de seu papel na escritura de uma concepção teológica de interpretação muito própria e feminina que, por sua autenticidade, foi amplamente aceita e divulgada pela Igreja por seu caráter dentro dos aspectos da ortodoxia. Autenticidade porque os registros de sua obra, sejam escritos, iluminados ou musicados, revelam muito sobre a personalidade de sua autora.

Nesta visão de mundo hildegardiana, os escritos científicos, visionários e epistolares da abadesa trazem em si, desde a absolvição de Eva no episódio da criação<sup>69</sup>, até a concepção da saúde da alma para o restabelecimento da saúde do corpo<sup>70</sup>, o não incentivo às práticas de mortificação física - muito comuns no medievo<sup>71</sup>, a prática da música como meio de contato com o transcendente<sup>72</sup>, a participação e importância da

---

<sup>68</sup> POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. *A espiritualidade de Hildegard von Bingen: profecia e ortodoxia*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 151.

<sup>69</sup> “Ao contrário de outros autores medievais, que viam a causa da queda na debilidade de Eva, Hildegarda vê-a sobretudo na excessiva paixão de Adão em relação a ela” (BENTO XVI, Carta Apostólica para Perpétua Memória de Santa Hildegarda de Bingen). De acordo com Xavier (2001) “De qualquer dos modos, o poder de Eva provém de Adão. Nesta perspectiva, Eva não pode ser a principal responsável pela introdução do mal na vida da humanidade. Hildegarda, de fato, não a considera tal” (XAVIER, 2001, p. 8).

<sup>70</sup> MARTINENGO, Marirí. La armonía de Hildegarda – Um epistolario sorprendente. In: Poggi, Claudia, Santini, Marina, et al. *Libres para ser – Mujeres creadoras de cultura em la Europa Medieval*. Madrid: Narcea, 2000, p. 45.

<sup>71</sup> PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996, p. 54 e MONTSERRAT CABRE I PAIRET *Hildegarda de Bingen y la practica de la autoridad*. DUODA Revista d'Estudis Feministes número 16, 1999, p. 88.

<sup>72</sup> Carta de Hildegarda aos prelados de Maguncia. *Vida y visiones de Hildegard von Bingen*. Edição de Victoria Cirlot. Madrid: Siruela, 2001(1ª ed. 1997), p. 298-299.

mulher no papel da concepção e da definição do sexo do bebê<sup>73</sup>, e até mesmo a liberação da utilização de joias e cabelos soltos<sup>74</sup> por suas monjas em dias de festa, apenas para citar alguns.

Quanto à ortodoxia, em sua tradução do Scivias, Bárbara Newman (2015) apresenta Hildegarda de Bingen como uma autêntica beneditina, que em seus registros deixa claramente entrever a humildade, a obediência e a discrição circunscritos a todas e todos que seguem o carisma e a regra de São Bento. De acordo com a autora, em todas as obras visionárias de Hildegarda de Bingen a ortodoxia se faz presente: “Hildegarda não conclama por mudança radical das estruturas sociais ou eclesiásticas; ela opunha-se ao abuso da autoridade, não à sua natureza”.

Neste sentido, Oliveira (2013) afirma que Hildegarda não só aprova como coloca-se abertamente à favor das reformas eclesiais que retomam os valores da igreja primitiva como também das que combatem os desvios clericais e doutrinários:

Hildegarda se posicionou claramente a favor dos papas e de seus ideais reformistas que pressupunham especialmente o combate à simonia e ao nicolaísmo, quais sejam, respectivamente, a venda de cargos na Igreja e o casamento e ou concubinato de clérigos. Ao mesmo tempo, as ordens monásticas vivenciaram um fervor religioso alimentado pelo ideal de retorno à *ecclesia primitiva*. As ordens religiosas que surgiram no período da reforma do século XII buscavam imitar o ideal de *vita apostólica* que fora vivido nos primórdios da Igreja, de maneira ascética e pobre. Hildegarda se sentiu atraída pelos ideais do movimento eremítico e pelos novos conceitos de *ecclesia primitiva*. E para ela a renovação espiritual consistia principalmente no combate à corrupção e ao relaxamento dos valores clericais (OLIVEIRA, 2013, p. 235).

Para compreendermos melhor a natureza da originalidade de Hildegarda de Bingen, é imprescindível nos ater primeiro ao que a torna conhecida e notável em seu meio: as visões. Portanto, vamos nos dedicar a uma análise da natureza visionária de Hildegarda e dos aspectos que a acompanham como a escrita, estilo e conteúdo tratados em seus escritos teológicos.

---

<sup>73</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. Mulheres Intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bingen – Entre a Medicina, a Filosofia e a Mística. *Revista Trans/ Form/Ação*. Marília, v. 35, p. 187-208, 2012. Edição Especial.

<sup>74</sup> Cartas de Tengsrich von Andernach a Hildegard (1148-1150) e de De Hildegard a la congregacion de monjas. *Vida y visiones de Hildegard von Bingen*. Edição de Victoria Cirlot. Madrid: Siruela, 2001(1ª ed. 1997), p. 125 a 128.

Na autoria dos escritos visionários, o conteúdo de tudo o que é descrito é atribuído à ordem divina, sendo Hildegarda apenas um simples instrumento da vontade divina. Hildegarda retrata a si mesma como *paupercula femina*<sup>75</sup> (minúscula mulher), de *paupercula forma*<sup>76</sup> (minúscula figura) ou uma pobre mulher, simples e rebaixada, com pouca instrução e pequena diante de tão grande missão.

Em correspondência com o monge beneditino Guibert de Gembloux (1124-1213)<sup>77</sup>, que, admirado com os “dons singulares” e o grande número de pessoas que afluíam ao seu mosteiro, questionava com curiosidade a abadessa sobre a natureza de suas visões e como elas aconteciam, Hildegarda de Bingen tinha sempre como resposta o indizível menosprezo de si mesma e a elevação do conteúdo visionário que transmitia:

E como poderia Deus trabalhar através de mim se eu não estivesse ciente de que sou apenas uma pobre e pequena criatura? Deus trabalha sua vontade pela glória de seu nome, não pela glória de qualquer pessoa terrena. De fato, eu sempre tremo de medo, uma vez que sei que não posso seguramente depender da minha própria capacidade inata. Mas estendo minhas mãos para Deus e Ele me sustenta, como a uma pena que carece de toda gravidade de forças e é levada pelo vento. (p.151) As palavras que eu falo não são minhas, nem de qualquer ser humano. Eu meramente reporto aquelas coisas que eu recebi em uma visão transcendental. (...) Oh servo fiel, eu - pobre pequena mulher que sou – digo essas coisas a você numa verdadeira visão: se Deus elevasse meu corpo como ele faz com meu espírito nessa visão, minha mente e meu coração ainda não estariam livres do medo, porque, embora eu tenha sido enclausurada desde a infância, eu estou completamente ciente de que eu sou apenas um ser humano. Porque muitos homens sábios foram tão miraculosamente inspirados que eles revelaram muitos mistérios, e ainda assim eles caíram, porque em sua vaidade eles atribuíram esses milagres ao seu próprio poder (Carta de

<sup>75</sup> A expressão *paupercula femina forma* está presente na carta de De Hildegard al monje Guibert de Gembloux escrita em 1175. [*O serve fidelis, ego paupercula femina, inquam, iterum haec verba vera visioni Oh fiel servidor, yo, pobrecita forma de mujer, te digo una vez mas estas palabras en verdadera vision* (Oh servo fiel, eu, pobre mulher, digo mais uma vez estas palavras em verdadeira visão). *Vida y visiones de Hildegard von Bingen*. Edição de Victoria Cirlot. Madrid: Siruela, 2001(1ª ed. 1997), p. 117-118, 167.

<sup>76</sup> A expressão *paupercula forma* está presente na carta de Hildegard al papa Eugenio III escrita em 1148 quando Hildegarda começa dizendo: *ego paupercula forma scripsi tibi hec in vera visione...* (Eu, pobre forma, escrevi isso em verdadeira visão...). *Vida y visiones de Hildegard von Bingen*, 2001(1ª ed. 1997), p. 117-118, 167.

<sup>77</sup> O monge Guibert-Martin de Gembloux foi um dos muitos religiosos que se corresponderam com Hildegarda de Bingen através de cartas. Seu primeiro contato epistolar com ela aconteceu em 1175. De acordo com Victoria Cirlot (2001) “Guibert escreveu a Hildegard, questionando-o sobre sua capacidade visionária e a resposta de Hildegard às cartas de Guibert constitui o testemunho mais completo de sua experiência” (CIRLOT, 2001, p. 174). Em 1177 ele tornou-se seu terceiro e último secretário. O primeiro foi o monge Volmar que ao falecer em 1173 foi substituído pelo monge Gottfried, que entre 1174 e 1175 começou a compor a biografia da abadessa. A biografia não foi finalizada pois Gottfried faleceu em 1176, sendo então substituído por Guibert de Gembloux que também não conseguiu finalizar a obra.

Hildegarda de Bingen ao monje Guibert em 1175. Vida y visiones de Hildegard von Bingen, 2001, p. 149-150).<sup>78</sup>

De acordo com Maria Carmen van der Poll (2010), em seus escritos, Hildegarda de Bingen deixa claros os aspectos de sua espiritualidade: em primeiro lugar pela pequenez que apresenta a si mesma ao fazer referência à “sua condição inferior tanto como ser humano, quanto como mulher”. Em segundo lugar, pelo caráter de instrumentalidade que ela afirma que o próprio Deus lhe atribui e impõe como a um profeta. Neste sentido, Hildegarda sempre afirma que mesmo que não queira, tenha medo ou sofra com a missão, é impelida a cumprir o que lhe é mandado.

Para Bárbara Newman (2015) uma prova dessa instrumentalidade é o fato de que em seus escritos visionários, Hildegarda de Bingen sempre se preocupou em apresentar o seu lugar de mera intermediária da voz divina, enquanto em obras de outras ordens, como os livros de medicina *Causae et Curae*<sup>79</sup> e em *Phisica*<sup>80</sup>, ela é abertamente apresentada na posição de autora, sem a reivindicação de inspiração divina. Quanto as suas obras científicas a autora afirma que

Nem ela nem suas secretárias jamais fizeram tentativa alguma de disseminá-las, tampouco foram incluídas no enorme manuscrito de suas obras completas, preparadas em Rupertsberg logo depois de sua morte. Essa omissão dá a entender que Hildegarda fez uma nítida distinção entre a obra de Deus e sua própria obra, posto que sua criatividade e curiosidade não conhecessem fronteiras. As obras de medicina, especialmente *Causas e Curas*, provavelmente foram compiladas para uso pessoal (NEWMAN, 2015, p. 31).

---

<sup>78</sup> Tradução livre do espanhol: *¿ Y de donde vendría esto, si yo no me conociera en mi pobreza? Dios obra allí donde quiere para la gloria de su nombre y no del hombre terreno. Yo siempre tengo un tembloroso temor, pues no sé en mi ninguna seguridad de la posibilidad que sea. Pero tiendo mis manos a Dios y Él me sostiene, como una pluma que carece de toda gravedad de fuerzas y se deja llevar por el viento (p. 150). Estas palabras que digo no son de mí ni de ningún otro hombre, sino que las profiero según las recibí en la vision de lo alto. (...) Oh fiel servidor, yo, pobrecita forma de mujer, te digo una vez mas estas palabras en verdadera vision: si a Dios le pluguiera elevar tanto mi cuerpo como mi alma en esta vision, no retrocederia el temor de la mente y de mi corazon, pues se que soy humana, por mucho que fuera encerrada desde mi infancia. Muchos sabios fueron infundidos asi de milagros, de modo que abrieron muchos secretos y por vanagloria escribieron atribuyendoselo a si mismos, y por ello cayeron.*

<sup>79</sup> Traduzido como *As causas e os remédios*, *Causae et Curae* junto com *Phisica* são dois importantes registros de tratados médicos do século XII no Ocidente. De acordo com Maria Leonor Xavier (2001, p. 2) “*Causas e Curas* ocupa-se de problemas concretos e comuns de saúde, explicando as suas causas e indicando procedimentos curativos”.

<sup>80</sup> Traduzido como *Medicina*, de acordo com Marirí Martinengo (2000), o livro *Phisica* trata de História Natural. Ele e *Causa et Curae* foram escritos entre 1151 e 1158. Para XAVIER (2001, p. 2), composto por nove livros, também subordinados ao título comum de Física, os livros “descrevem as propriedades medicinais das criaturas, como as plantas, os animais, as pedras, as pedras preciosas inclusive, e os metais”.

Neste aspecto então, podemos observar que na abadessa de Bingen encontramos não só um espelho de rebaixamento e submissão, mas um paradoxo entre a *paupercula femina* que tem visões e coloca-se como mero instrumento divino e a abadessa de Bingen, porta-voz destas mesmas visões e que procura transmitir sua voz enquanto autoridade feminina em seu meio. Em Hildegarda esta aproximação de atuações tão contrastantes não só é possível, como acontece de maneira conciliatória e complementar. Não há contradição.

### 3. ESPIRITUALIDADE HILDEGARDIANA

#### 3.1 Visionária e Profética

Quanto aos aspectos que tratam da espiritualidade hildegardiana, de acordo com Bárbara Newman em sua introdução do Scivias, Hildegarda de Bingen pode ser mais precisamente identificada como visionária e profética do que como mística, pela forma como descreve sua relação com Deus à diferença de outras santas e doutoras da Igreja como Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux:

Nos raros textos onde ela (Hildegarda) retrata a si mesma como parceira em diálogo com Deus, ela não é a noiva enamorada que anseia por união divina, como nos *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, de São Bernardo, mas a frágil e lamentavelmente inadequada mortal – “cinzas das cinzas, e imundície das imundícies” – trêmula diante do grande encargo que recebeu. Tal como Moisés “gago e de fala arrastada”, e como o Isaías de “lábios impuros”, ela dá a clássica resposta profética a um chamado que ela não escolheu, mas que outra coisa não pode fazer senão obedecer a ele (NEWMAN, 2015, p. 36).

De acordo com a autora, considerando as definições clássicas do misticismo que salientam a união da alma com Deus, assim como “todo o sistema de disciplinas ascéticas e contemplativas que visam a facilitar aquela união”, Hildegarda de Bingen, não seguiu a tendência do caminho unitivo, mas sim o de “obediência, reverência e louvor litúrgico” ao apresentar o lugar da pessoa humana em um plano divino que parte da criação até o julgamento e a redenção final.

Também Caroline Walker Bynum acredita que Hildegarda de Bingen não se enquadra no padrão característico de uma mística. De acordo com ela, “Hildegarda, uma visionária que recebeu suas revelações como um texto exegético, e não como uma

experiência para o re-viver, não era, tecnicamente falando, uma mística de maneira nenhuma. Ela não escreveu sobre união, mas sobre doutrina (...)”<sup>81</sup> .

Para compreendermos melhor a que mística estas autoras se referem, iremos nos basear em alguns conceitos sobre essa experiência. Para Ceci Maria Mariani e Maria José do Amaral (2015), a mística estaria presente no vislumbamento de novas dimensões do real que se tornam presentes além do visível e passam a transformar totalmente a percepção da realidade. Esta outra realidade despertaria então um “êxodo da alma”, que a capacitaria para o encontro com o mistério. No cerne da mística estaria então a experiência de união com o divino:

A experiência mística possibilita o contato com dimensões do real inteiramente novas que estão além do visível e produz uma transformação na estrutura da percepção da realidade. O real deixa de ser uma realidade objetiva ao sujeito. Descortina-se ao místico uma realidade que o precede, o envolve e o convoca à unificação. Ao invés de um movimento ativo para compreensão do real, a experiência mística é vivida como um pathos, um padecer, um ser tomado pela realidade misteriosamente conhecida. [...] Deus, em seu amor misericordioso, opera na alma (que é o princípio transcendente do humano), um êxodo, uma saída de si, uma transformação ontológica que a capacita para o encontro, isto é, para a união mística com o mistério. O centro da experiência mística é a união íntima com o divino. O místico, a mística, é movido a um contato direto, imediato, no entanto, mediado, porque tem a alma como meio. Os autores vão denominar “imediatez mediada” (MARIANI e AMARAL, 2015, p. 88-89).

Para Maria Simone Marinho Nogueira (2013) este encontro da alma com Deus só é possível pela experiência de um “fechar-se em si mesmo”, no sentido de recolher-se, de fechar os olhos e a boca afim de que não haja nenhum impedimento ou barreira que atrapalhe este contato com o mistério divino:

(...) podemos dizer que o termo mística, por mais transformações e desgastes que tenha sofrido ao longo do tempo, ainda traz consigo a ideia que remete para o seu sentido etimológico, ou seja, mística deriva do verbo grego *mýô*, que significa fechar-se. Sem parecer forçado, podemos relacionar a noção de tal verbo à ideia de recolher-se. Ora, o místico é aquele que se recolhe e que neste recolhimento se despoja de tudo que pode constituir um empecilho no caminho de sua união com o divino (NOGUEIRA, 2013, p. 157).

É nesse sentido que se encontra o cerne da mística: a união com Deus que opera na alma “o êxodo, uma saída de si, uma transformação ontológica que a capacita para o

---

<sup>81</sup> BYNUM, C.W. Prefácio do *Scivias* de Hildegarda de Bingen, Scivias. Tradução em português de Paulo Ferreira Valério – São Paulo: Paulus, 2015, pag. 12.



encontro”. A este “êxodo da alma”, podemos chamar a experiência do êxtase<sup>82</sup>, vivido por muitas místicas e místicos, contemporâneos ou não de Hildegarda de Bingen. É esta união que norteia toda a relação espiritual da mística com Deus.

Neste sentido, também seria característico das místicas e místicos descrever e/ou narrar as maneiras de se obter esta unificação, afim de que outras pessoas também possam alcançá-la. O “estar a sós consigo mesmo” e com Deus, em atitude de “fechamento” ou recolhimento seria um importante aspecto para se alcançar esta união e os tratados espirituais dariam as orientações sobre como alcançar este estágio unitivo.

Para Bárbara Newman (2015), essas premissas ajudam a dizer que Hildegarda de Bingen não se enquadraria como mística. Primeiro por causa da natureza de suas visões que são literalmente abertas, podendo vir a acontecer fora de seu controle, em lugares abertos e até mesmo na presença de outras pessoas. Segundo pela ausência de êxtase ou arrebatamento espiritual e a não tendência dela em seguir o caminho unitivo. Estes pontos fariam dela mais visionária do que mística.

Ainda de acordo com Bárbara Newman (2015), as visões de Hildegarda de Bingen não são um tipo de experiência que poderia ser ensinada ou aprendida. Apesar da abadessa conhecer de outros religiosos as teorias e práticas de exercícios espirituais para se alcançar a elevação, “ela não fez nenhum esforço para cultivar ou promulgar seu modo especial de ver. Tampouco teologizou acerca de sua experiência visionária *per se*”<sup>83</sup>.

Também em termos de conteúdo, imagem e temas tratados, Hildegarda de Bingen difere-se sensivelmente das imagens costumeiras utilizadas pelos místicos. Para Poll (2010), as próprias figuras e imagens descritas nas visões tratam de objetos e temas que a diferem sensivelmente.

---

<sup>82</sup> De acordo com o Dicionário Teológico Enciclopédico “O êxtase, como fenômeno místico, comporta uma saída dos sentidos, diferenciando-se notavelmente do transe mediúnico ou xamanístico de qualquer estado de delíquio patológico: no êxtase místico verifica-se a suspensão dos sentidos externos, pelo menos parcialmente, mas não a perda de consciência, a qual, ao contrário, encontra-se em um estado de superconcentração para a comunicação divina cujo dom o místico recebe” (*LEXICON: Dicionário Teológico Enciclopédico*, 2003 p. 286). O Dicionário de Teologia Dogmática define o êxtase como “um estado extraordinário em que o homem se encontra como que fora de si. Há toda uma escala de fenômenos no êxtase que vão desde o simples delírio até a insensibilidade quase absoluta, a levitação, a bilocação, os estigmas sangrentos, a clarividência e a profecia” (Dicionário de Teologia Dogmática, 1955, p. 143).

<sup>83</sup> Bárbara Newman na Introdução do *Scivias*, 2015, p.39.

Já o que está presente na obra de Hildegarda e não se encontra nos místicos é o conteúdo político de suas visões, além de imagens do Velho Testamento em que aparecem pedras preciosas e construções nobres, agricultura e crescimento orgânico, cortês, guerra e ricos ornamentos – imagens radicalmente diferentes das meditações mais ternas, domésticas e até mais sentimentais sobre a Sagrada Família e a experiência humana de Jesus que encontramos no misticismo (POLL, 2010, p. 148).

Ainda assim, Hildegarda de Bingen ainda é descrita por muitos estudiosos entre os místicos medievais por conta de seu contato com o divino. De acordo com Ursula King (1998)<sup>84</sup> ela pode ser assim considerada por causa de seu relacionamento com o divino e sua consciência da presença da divindade, mesmo que esta relação não seja de maneira tão afetiva como em outras místicas e místicos.

### 3.2 As Visões

Sobre a natureza das visões de Hildegarda de Bingen, estas também apresentam um caráter peculiar se comparadas às de outras santas e santos com esta capacidade. Conforme já citado, elas poderiam acontecer em lugares abertos e até mesmo na presença de outras pessoas, permanecendo ela em plena consciência e com total percepção das coisas ao seu redor.

De acordo com Peter Dronke (1995), a forma com que a abadessa experimenta suas visões é completamente incomum porque ela “vê as coisas ‘na alma’, enquanto mantém pleno exercício e consciência de suas faculdades sensoriais”. Ou seja, as visões acontecem ao mesmo tempo em que sua visão sensorial continua desperta e sem que se suspendesse o mínimo de sua capacidade de percepção:

Suas visões não têm nada a ver com sonhos ou devaneios, transe ou alucinações ou êxtases (palavra que ela, como toda uma série de autores do século XII, usa apenas em sentido pejorativo). O que Hildegarda quer enfatizar é que, apesar de ver o que vê em sua alma, ela permanece sempre lúcida (DRONKE, 1995, p. 204).<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> KING, Ursula. *Christian Mystics: The Spiritual Heart the Christian Tradition*. New York: Simon & Schuster Editions, 1998, p. 101.

<sup>85</sup> Tradução livre do espanhol: *Sus visiones no tienen nada que ver con sueños o ensoñaciones, transe o alucinaciones o éxtasis (palabra que ella, al igual que toda una serie de autores del siglo XII, sólo emplea en sentido peyorativo). Lo que Hildegarda quiere destacar es que, pese a ver lo que ve en su alma, permanece siempre lúcida.*

A própria Hildegarda de Bingen descreve sua experiência quanto a forma em que acontecem essas visões:

Não tive as visões em estado de sonolência, nem dormindo, nem em êxtase, nem por meus olhos corporais ou por meus ouvidos humanos exteriores; eu não as percebi em lugares escondidos, mas é estando acordada que eu as vejo com meus olhos e com minhas orelhas humanas, interiormente; simplesmente, em espírito, eu as recebo em lugares abertos, segundo a vontade de Deus (SCIVIAS, 2015, pag, 96).

De acordo com Peter Dronke (1995), o místico escocês Ricardo de São Vitor (1110-1173)<sup>86</sup> relaciona quatro tipos de visões em seu comentário sobre o Apocalipse de São João: duas seriam de ordem exterior e duas de ordem interior. As duas primeiras, de menor importância, seriam da classe das visões físicas e as outras duas seriam da classe das visões espirituais, de ordem interior. Na classe das visões de ordem física a primeira se apresentaria sem nenhuma significação oculta, enquanto a segunda, possuiria por trás um sentido escondido, como por exemplo, a visão que Moisés teve da sarça ardente<sup>87</sup>.

Já nas duas classes de visões espirituais, a primeira classe corresponderia ao que acontece “quando a alma humana, iluminada pelo Espírito Santo, além da aparência de objetos visíveis e imagens que aparecem em forma de figuras e signos, passa a ter acesso ao conhecimento do invisível”, seria uma visão simbólica. Por sua vez, a segunda classe seria uma visão anagógica<sup>88</sup> e aconteceria “quando a alma humana, por iniciativa própria, alcança a contemplação das coisas celestiais sem a mediação de nenhuma classe de figura visível”. Neste caso, Peter Dronke (1995) afirma que as visões de Hildegarda de Bingen seriam da primeira ordem dentro das visões espirituais:

É claro que a visão de Hildegarda corresponde mais à terceira classe de Ricardo do que à quarta, porque em sua tripla experiência visionária, ela vê com os olhos da mente imagens que aparecem em forma de figuras e sinais, e que lhe permitem alcançar conhecimento espiritual, especialmente graças à voz divina

---

<sup>86</sup> Contemporâneo de Hildegarda, Ricardo de São Vitor (1110-1173), foi um importante teólogo místico e prior da Abadia agostiniana de São Vitor na França de 1162 a 1173, ano de sua morte.

<sup>87</sup> Êxodo capítulo 3, versículos do 1 ao 6. Bíblia de Jerusalém.

<sup>88</sup> De acordo com o Dicionário Michaelis, diz-se de um conceito ou interpretação que parte do sentido literal e atinge o mais abstrato ou espiritual; elevado, extático, místico. No site Wikipédia está descrito como um meio de interpretação mística ou espiritual, que sugere subida ou ascensão no sentido de êxtase místico ou arrebatamento da alma na contemplação das coisas divinas.

que ela ouve em sua visão, o que explica o significado figurativo ou alegórico das imagens que contempla (DRONKE, 1995, p. 203-204).<sup>89</sup>

Neste sentido, todas as obras visionárias de Hildegarda apresentam o caráter de imagens e figuras simbólicas que são descritas por ela e que se deixam interpretar pela luz vivente que lhe dita e revela o significado de todos esses signos. As obras que abordam as visões de Hildegarda de Bingen são três: o Scivias, o Livro dos Méritos da Vida<sup>90</sup> e o Livro das Obras Divinas<sup>91</sup>.

### 3.2.1 O Escotoma Cintilante

Um aspecto da vida de Hildegarda de Bingen que está diretamente relacionado às visões é a sua saúde. Nas memórias que fazem parte de sua biografia oficial, a abadessa fala de problemas crônicos de saúde e a estranha relação das visões com essas recorrentes doenças físicas. Todas as vezes em que deixa de atender o chamado profético ela cai enferma, como que pressionada pela doença a cumprir o que a “Luz vivente” lhe pede. Hildegarda de Bingen irá descrever este fato em diversas passagens de sua vida e também na introdução do Scivias:

Eu, porém, embora visse e ouvisse estas coisas, recusei-me escrever por muito tempo, em meio à dúvida e à má opinião e à diversidade das palavras humanas, não com obstinação, mas no exercício da humildade, até que, rebaixada pelo flagelo de Deus, caí num leito de enfermidade; então, impulsionada, enfim, por muitas doenças, e pelo testemunho de certa nobre serva de boa conduta [a irmã Richardis de Stade] e daquele homem a quem busquei secretamente e encontrei<sup>92</sup>, conforme mencionado acima, pus minha mão a escrever. Enquanto

<sup>89</sup> Tradução livre do espanhol: *Está claro que que la visio de Hildegarda corresponde más a la tercera clase de Ricardo que a la cuarta, pues en su triple experiencia visionaria ve con los ojos de la mente imágenes que se aparecen en forma de figuras y signos, y que le permiten alcanzar el conocimiento espiritual, sobre todo gracias a la voz divina que oye en su visio, que le explica el sentido figurado o alegórico de las imágenes que contempla.*

<sup>90</sup> Redigido entre 1158 e 1163, o *Liber vitae meritorum* trata de seis visões reunidas num único livro de estrutura monolítica: “ao longo de seis visões sucessivas, uma figura humana olha em direção a leste, a oeste, ao norte e ao sul. O universo inteiro num quinto momento. E somente no sexto a figura humana se põe em movimento com as quatro zonas da Terra. Esta figura humana é nada menos que Deus”. De acordo com Régine Pernoud (1996) “o Livro dos Méritos constrói a história da salvação por meio do confronto das virtudes e dos vícios, com a vitória da divindade” (PERNOUD, 1996, p. 48).

<sup>91</sup> *Liber divinorum operum simplicis hominis*, traduzido como O livro das obras divinas de uma pessoa simples foi escrito entre 1163 e 1173. É a mais conhecida obra visionária de Hildegarda, considerada por Peter Dronke (1995) sua grande obra prima. De acordo com Mariri Martinengo (2000) nesta obra, Hildegarda trata de estabelecer analogias entre a geografia da terra e a alma, entre o tempo e os humores, entre o literal e o alegórico, o físico e o espiritual, entre a natureza humana e a divina (MARTINENGO, 2000, p. 45).

<sup>92</sup> O homem citado é o monge Volmar, ajudante, secretário e amigo de Hildegarda de Bingen desde o mosteiro de Disibodenberg.

eu o fazia, senti, como aludi anteriormente, a imensa profundidade da explanação escriturística; e, erguendo-me da enfermidade pela força que recebi, levei esta obra à conclusão – embora apenas precariamente – em dez anos (SCIVIAS, 2015, p. 97-98).

A enfermidade acompanhou Hildegarda de Bingen durante toda a sua vida e teve início ainda na infância, assim como as visões. De acordo com Bárbara Newman (2015), os médicos Charles Singer e Oliver Sacks em análise a algumas descrições de imagens feitas por ela, chegam a conclusão de que as visões poderiam ter alguma relação patológica.

A origem precoce dessas visões, sua conexão com “fogos aéreos” e outras doenças que afligiam Hildegarda e, acima de tudo, o fato de que ela experimentou visões durante quarenta anos antes de receber sua vocação profética e aprender a interpretá-las como dom de Deus, dão fortemente a entender uma base fisiológica. Charles Singer e, mais recentemente, Oliver Sacks concluíram que a abadessa sofria de “escotoma cintilante”, uma forma de enxaqueca (NEWMAN, 2015, p. 25-26).

Charles Singer fez sua análise com base em algumas descrições das visões feitas por Hildegarda de Bingen no Scivias, como “as estrelas fugazes”, os “círculos concêntricos luminosos” e a constante presença de “luzes ofuscantes”. De acordo com Peter Dronke (1995), apesar de Singer apresentar este diagnóstico, ele não desenvolve uma relação entre a doença e a natureza da contribuição espiritual e intelectual que Hildegarda desenvolve a partir dela.

(...) embora Singer não distinga em sua abordagem entre a base patológica das visões e a natureza eminentemente intelectual do que Hildegarda disseca a respeito delas. E Hildegard não se limitou a sofrer estas anomalias, mas tirou algo imaginativo e espiritualmente fecundo delas (DRONKE, 1995, p. 204).<sup>93</sup>

### 3.3 A Escrita

Quanto ao formato de escrita, as três obras visionárias de Hildegarda: o Scivias, o Livro dos Méritos da Vida e o Livro das Obras Divinas apresentam o mesmo estilo. De acordo com Newman (2015), a organização é complexa, mas uniforme:

Hildegarda sempre começa com uma descrição simples e comumente breve do que ela viu; sua própria experiência visionária é dada por descontada. Ocasionalmente ela é interpelada por uma voz divina ou por uma figura dentro da visão. No final da cada visão propriamente dita, sua interpretação é

---

<sup>93</sup> Tradução livre do espanhol: *Aunque Singer no acabe de distinguir en su planteamiento entre la base patológica de las visiones y el carácter eminentemente intelectual de lo que Hildegarda disse de ellas. Y es que Hildegarda no se limitó a sufrir estas anomalías, sino que sacó de ellas algo imaginativo y espiritualmente fecundo.*

introduzida pela fórmula: “E ouvi uma voz vinda do céu dizendo...”. A partir deste ponto, a visão inicial torna-se um “texto” a ser interpretado frase por frase, tal como um comentarista monástico tradicional glosaria um texto da Escritura (NEWMAN, 2015, p. 45).

Um outro ponto importante é a forma como as obras são escritas. Neste período, todos os grandes mosteiros possuíam um *Scriptorium*, uma oficina de copistas. Hildegarda não escreve suas visões sozinha, mas conta neste trabalho com a ajuda do monge Volmar. Ele atua como escriba de Hildegarda, prática que, de acordo com Arlindo Machado (1994) era muito comum no período medieval, fazendo com que os autores de muitas obras não fossem realmente aqueles que as escreviam:

Do século V a.C. até o século XV de nossa era, o livro esteve associado ao trabalho do escriba ou copista, que o forjava através de uma laboriosa escrita e de invulgares iluminuras em rolos de pergaminho, papiro, velino ou papel de linho. Nem sempre o livro tinha um *autor*. Quando tinha, o autor (isto é, o poeta, o filósofo, o cientista) não era propriamente aquele que escrevia: ele apenas ditava seus pensamentos aos escribas, que depois os editavam em livros, naturalmente de acordo com o maior ou menor refinamento literário de cada um (MACHADO, 1994, p. 205).

De acordo com Régine Pernoud (1996), o monge Volmar foi o confessor e por intermédio de Jutta, o primeiro confidente de Hildegarda: “Deve ter sido por ele que os monges do mosteiro dúplice de Disibodenberg foram informados da nova atividade da abadessa e das visões que ela recebia”. O monge foi um grande incentivador de Hildegarda e também a acompanhou quando ela partiu para o novo mosteiro em Rupertsberg, sendo seu secretário até falecer em 1165.

Desde o início de sua relação com Hildegarda como copista de suas visões, Volmar teve o papel de transcrever *ipsis litteris* as visões descritas. Neste sentido, Peter Dronke (1995) citando Herwegen (1874-1946)<sup>94</sup>, apresenta a questão sobre até que ponto esta ajuda do escriba teve influência no trabalho da abadessa:

Embora Hildegarda visse com bons olhos as correções gramaticais e sintáticas fornecidas por Volmar, ela não o deixou alterar o vocabulário ou o conteúdo de seus escritos, que deveriam permanecer intactos, por mais estranhos que

---

<sup>94</sup> O abade Ildefonso Herwegen é o iniciador do movimento litúrgico no século XX. Foi professor na Escola Filosófico Teológica na abadia beneditina de Maria Laach na Alemanha e sucessivamente na Academia Beneditina de Estudos Superiores de Espiritualidade Monástica e Litúrgica. É citado por Peter Dronke (1995) em sua referência à abadessa no *Les collaborateurs de Sainte Hildegarde - Revue Bénédictine*, Tome XXI, 21ème année, 1904, Abbaye de Maredsous (Belgique).

parecessem seu estilo e imaginação, pois ambos foram o resultado de suas visões proféticas (DRONKE, 1995, p. 205).<sup>95</sup>

Georgina Rabassó (2013) também corrobora este fato quando afirma que Hildegarda de Bingen apresenta a si mesma como um “vaso de barro” que apenas recolhe as revelações divinas e as transmite sem mudar a forma nem tampouco o sentido. Mesmo assim, a autora observa que os escritos que compõem seus livros não parecem chegar a uma forma definitiva apenas seguindo um “método aditivo”, mas tratam-se de uma transmissão que realiza também uma aprendizagem interior.

Como eu disse, Hildegarda mostra que as correções de seus textos eram exclusivamente gramaticais e não lhes permitiam alterar seu significado. A fidelidade à palavra revelada, do ponto de vista de Hildegarda, é o ponto de partida de sua escrita, embora a imaginação tenha um papel essencial no processo criativo da autora (RABASSÓ, 2013, p. 112).<sup>96</sup>

Aqui, trataremos de trechos das visões presentes predominantemente no Scivias e no Livro das Obras Divinas, com o intuito de apresentar o cerne da teologia hildegardiana em suas principais considerações, de maneira especial, as que refletem sua cosmologia, o aspecto holístico da humanidade e do universo e também a visão teológica da autora sobre a Trindade e a importância do homem na centralidade da criação.

### 3.4 As Iluminuras

As iluminuras também constituem um importante instrumento de análise das obras visionárias de Hildegarda de Bingen. Definidas como desenho e pintura diretamente ligados à produção dos manuscritos, elas constituem um tipo de imagem essencialmente medieval. De acordo com Visalli e Godoi (2016), por conta dos materiais envolvidos na produção dos fólhos (folhas) e da pintura (iluminação), as cores em sua maioria eram

---

<sup>95</sup> Tradução livre do espanhol: *Hildegarda veía con buenos ojos las correcciones gramaticales y sintácticas que aportava Volmar, no dejaba que éste alterase el vocabulario o el contenido de sus escritos, que debían permanecer intactos por extraños que pareciesen su estilo y su imaginaria, pues ambas cosas eran fruto de sus visiones proféticas.*

<sup>96</sup> Tradução livre do espanhol: *Como decía, Hildegarda pone de manifiesto que las correcciones de sus textos eran exclusivamente gramaticales y no permitía que alteraran el significado de los mismos. La fidelidad hacia la palabra revelada, bajo la perspectiva de Hildegarda, es el punto de partida de su escritura, si bien la imaginación juega un papel esencial en el proceso creativo de la autora.*

obtidas de matérias-primas raras e caras, o que exigia um grande investimento financeiro, além de também dispender de muito trabalho:

Diferentes da aquarela que conhecemos hoje, os pigmentos não eram misturados para a obtenção de outras cores. Cada cor era feita a partir de uma matriz diferente. Algumas cores eram especialmente raras, já que tinham como matéria-prima substâncias que podiam ser de difícil acesso e muito caras, como o lápis-azul, uma pedra vinda do Oriente que produzia um azul muito específico. Outro elemento muito usado na iluminação era o pó ou a folha de ouro. No caso do pó, criava-se uma mistura do pó de ouro com um ligante. Já a folha era uma fina camada de ouro que era colada e, depois, ia sendo cortada conforme as linhas do desenho. O ouro, usualmente, ficava reservado para códices de grande importância (VISALLI e GODOI, 2016, p. 138).

“Uma abadia sem uma biblioteca é como um castelo sem sala de armas”, escreveu Godefroy de Saint-Victor (1125-1194)<sup>97</sup> em 1170. Inicialmente de pertença da Igreja, a produção de livros estava diretamente ligada às monjas e monges copistas, especializados neste trabalho. De acordo com Arlindo Machado (1994), “a cópia de livros era considerada um trabalho intelectual na Idade Média: copiar um texto era uma maneira de estudá-lo (às vezes também de alterá-lo, quando se discordava dele)”.

Também presentes nas obras como parte integrante do texto, as iluminuras não constituem apenas ornamento, porque fazem parte do conteúdo tratado e também se relacionam com ele. De acordo com Visalli e Godoi (2016), apesar de serem tarefas distintas, tanto a escrita quanto à iluminação de um texto eram feitas pela mesma pessoa

A pintura de iluminuras até bem próximo ao século XII estava ligada à confecção do objetivo suporte: o livro; os mesmos homens que copiavam os textos e montavam os livros, chamados de escribas ou copistas, eram também aqueles que desenhavam e pintavam as imagens. Ainda que se tratasse de técnicas bem diferentes, escrever e iluminar eram partes do trabalho da construção de um manuscrito desempenhado por religiosos (VISALLI e GODOI, 2016, p. 136).

As iluminuras presentes nas obras visionárias de Hildegarda de Bingen correspondem ao conteúdo das visões descritas por ela. Em suas duas obras visionárias – *Scivias* e *Liber Divinorum Operum* - apresenta-se o mesmo padrão<sup>98</sup>: para cada visão, há uma imagem que procura representar de maneira mais próxima possível o que sua autora

---

<sup>97</sup> Monge e teólogo francês, Godofredo São Vitor (ou de Breteuil) foi um monge pertencente aos chamados ‘vitorinos’ (que faziam parte da Abadia de São Vitor em Paris). Autor da obra *Microcosmus* Godofredo revela nesta sua última obra tendências platônicas e humanistas, tendo sido classificado de humanista cristão (Dicionário de filosofia. 2. (E - J), Volume 2, pag. 1218).

<sup>98</sup> Das três obras visionárias de Hildegarda, o Livro dos Méritos da Vida é o único que não possui iluminuras.



descreve ter vislumbrado. As iluminuras tinham, portanto, o papel de transmitir a mensagem profética em forma de imagem.

Tomando como exemplo as iluminuras presentes no Livro das obras divinas, observamos a presença de tons dourados e as cores azul e vermelha na maioria das imagens. De acordo com Newman (2015), um manuscrito do Scivias preparado em 1165 contou com “dispendiosas folhas de ouro e prata, bem como de cores, e eram únicas do ponto de vista iconográfico”. Este fato demonstra a importância destas obras e o grande custo financeiro envolvido nestas produções.

Diante de especulações contemporâneas de que Hildegarda de Bingen tenha sido a própria pintora de suas iluminuras, Bárbara Newman (2015) afirma que se assim o fosse, com certeza seus biógrafos teriam mencionado este feito. O que a autora apresenta é que as iluminuras foram produzidas no próprio monastério de abadessa de Bingen e que a pintora ou pintor de suas obras tenha sido supervisionado pessoalmente pela visionária:

Quem quer que tenha sido o artista, ele ou ela permaneceu vizinho (a) ao texto das visões e, aparentemente, evitou o uso de modelos, recombinao motivos iconográficos em novas formas de modo tão criativo quanto Hildegarda revisualizava os temas familiares da doutrina cristã. Por conseguinte, as pinturas eram mais do que ilustrações; tanto quanto possível, elas levam o observador para o numinoso mundo da própria experiência da visionária (NEWMAN, 2015, p. 50).

### 3.4.1 A Hora da Visão



Geralmente abaixo da iluminura de cada visão, encontra-se uma pequena imagem da visionária no momento da revelação. Régine Pernoud (1996) descreve a forma com que esta miniatura aparece nas dez ilustrações de página inteira contidas no Livro das Obras Divinas, terceira obra visionária de Hildegarda conservada na *Biblioteca Governativa de Lucca* na Itália:

Sob a imagem principal, num pequeno quadrado, uma iluminura representa a própria Hildegarda, o rosto erguido para a imagem que derrama sobre sua cabeça uma chuva incandescente. Sentada em cadeira de espaldar alto, ela tem nas mãos as tabuinhas, decerto para anotar rapidamente a visão que lhe aparece e poder descrevê-las depois. (...) Em frente à Hildegarda e voltado para ela, está sentado um monge. Ele escreve sobre um códex de pergaminho e segurando um tira-linhas, como era costume na época, enquanto maneja sua pena de ganso. Esse monge idoso é sem dúvida Volmar (PERNOUD, 1996, p. 20).

Continuando a descrição da iluminura, Régine Pernoud (1996) fala da presença de uma jovem em pé, situada atrás de Hildegarda de Bingen. Esta seria Richardis, umas das monjas de grande estima e que também auxiliou nos escritos do Scivias, sua primeira obra visionária. Também outro aspecto da vida da abadessa, como a autorização do uso de joias por suas monjas em dias de festa também está retratado nas miniaturas que ilustram as visões nona e décima do Livro das Obras Divinas:

Aqui estão retratadas mulheres com brincos e colares, vestidas de maneira elaborada e a mesma Hildegarda, representada em cada uma das dez tábuas que fazem parte do manuscrito - em atitude pensativa, sentada em um pequeno trono diante de mesas decoradas - ela é envolta em vestidos, véus e mantos de cores diferentes que caem em volta do seu corpo em dobras suaves (MARTINENGO, 2000, p. 34).<sup>99</sup>

### 3.4.2 A Trindade

Na primeira visão do Livro das Obras Divinas, Hildegarda de Bingen descreve uma imagem com três cabeças e quatro asas coloridas em tons de escalarte:

E vi como a imagem de Deus emergia no centro do céu do sul, com uma aparência humana, bela e magnífica em seu mistério. A beleza e o esplendor de seu rosto eram tão grandes que olhar para o sol teria sido mais fácil do que

---

<sup>99</sup> Tradução livre do espanhol: *Hay aquí retratadas mujeres con pendientes y collares, vestidas de modo rebuscado y la misma Hildegarda, representada en cada una de las diez tablillas que forman parte del manuscrito – en actitud pensativa, sentada en un pequeño trono frente a escritorios decorados – va envuelta en vestidos, velos y mantos de distintos colores que caen alrededor de su cuerpo en suaves pliegues.*

olhar para aquela imagem. Um largo círculo dourado cercava sua cabeça. No mesmo círculo, na cabeça, apareceu outro rosto, o de um homem velho, cujo queixo e barba roçavam a coroa do crânio da imagem. Em cada lado do pescoço desta imagem, uma asa brotou, e ambas as asas ergueram-se acima do círculo dourado mencionado e ali se juntaram. (...)A imagem estava vestida com uma túnica tão brilhante quanto o sol e nas mãos havia um cordeiro que brilhava como a deslumbrante luz do dia (LIBER VITAE MERITORUM: Libro de los Méritos de la Vida. Santa Hildegarda de Bingen, 2009, p. 31).

Depois, Hildegarda de Bingen narra as palavras que a imagem vislumbrada lhe pronuncia pelas quais, de acordo com ela o amor é entendido, e a própria “vida ígnea da substância de Deus” lhe dá a explicação dos múltiplos efeitos de sua potência nas várias naturezas ou qualidades da criação. É essa voz que afirma: “Eu sou o apoio de tudo, porque todas as coisas vitais recebem seu ardor de Mim. Minha vida é a mesma na eternidade, vida que não tem começo e não terá fim”<sup>100</sup>.

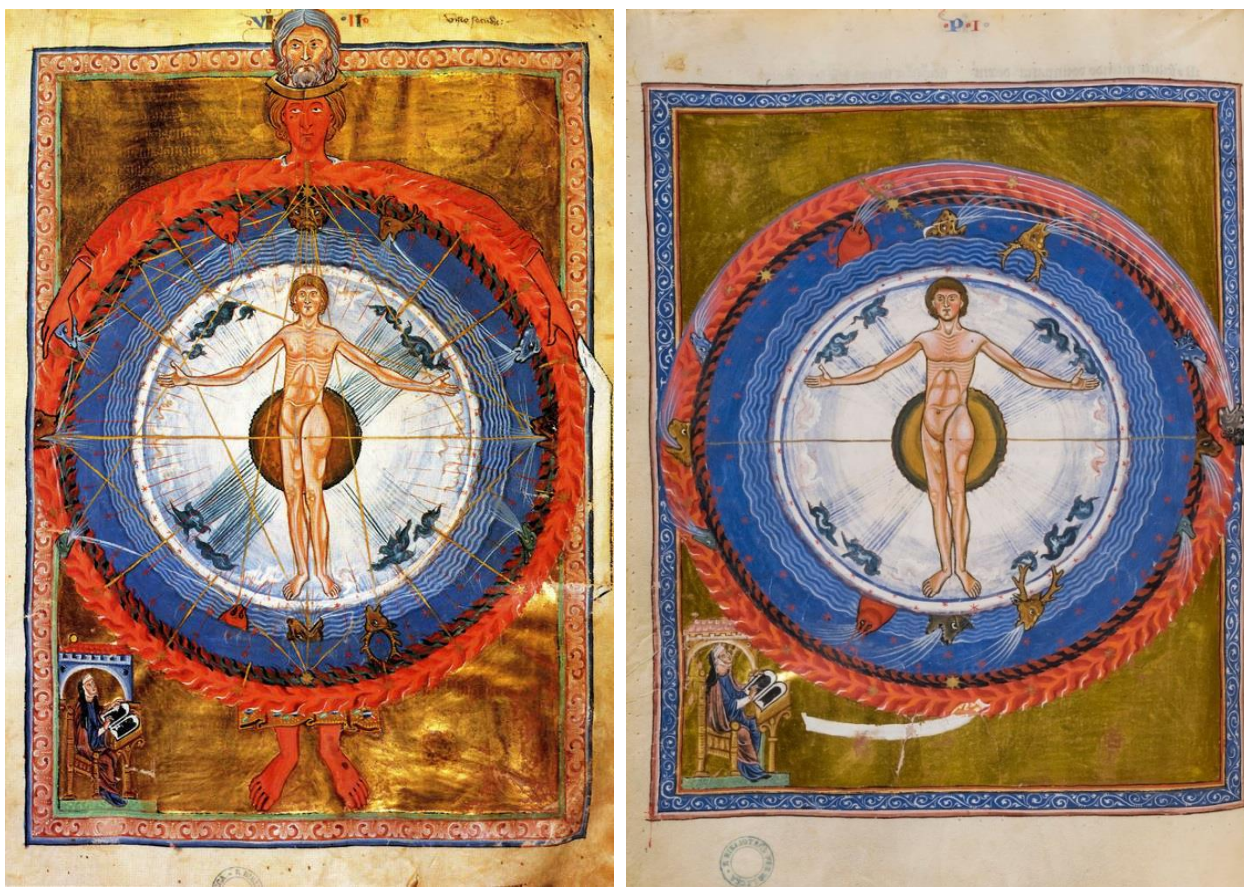


A imagem da Trindade então se explica à Hildegarda: “A eternidade é o Pai, a Palavra, o Filho, o sopro que os conecta é chamado Espírito Santo. Da mesma forma, Deus queria representar isso no homem com três elementos: corpo, alma e razão”<sup>101</sup>. De acordo com Hildegarda, tudo procede desta representação trina, que libera uma tríplice energia de amor, da qual o homem é o reflexo.

<sup>100</sup> LIBER VITAE MERITORUM: Libro de los Méritos de la Vida. Hildegarda de Bingen, 2009, p. 32

<sup>101</sup> Ibidem 2, p. 32.

### 3.4.3 O Homem no centro do Mundo



Na segunda visão do Livro das Obras Divinas, Hildegarda descreve o homem na centralidade da criação e no centro do mundo. Ele está situado no centro de uma série de círculos. São ao todo seis e estão todos em movimento. De acordo com Pernoud (1996), “Depois de enumerar tudo o que influencia o homem na natureza, o sol, a lua, os planetas, Hildegard faz uma observação ao próprio homem: ‘Quanto a ti, homem, que vês este espetáculo, compreende que estes fenômenos concernem igualmente ao interior da alma’”<sup>102</sup>.

Nesta visão há também a presença de dois grupos de quatro animais: o leopardo, o lobo, o leão e o urso, o carangueijo, o cervo, uma serpente e um carneiro. Em volta dele está a presença do divino pela Trindade. Já na terceira visão em que também aparece o homem dentro de um círculo, Régine Pernoud (1996) faz um paralelo com a semelhança

<sup>102</sup> PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996, p. 74.

do Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci (1452-1519)<sup>103</sup>. A visão de Hildegarda que produziu esta iluminura aconteceu mais de três séculos antes do nascimento de Leonardo<sup>104</sup>.

E finalmente, no centro desta roda, aparece uma imagem do homem, cuja cabeça atinge o topo e os pés no fundo do círculo de ar denso, branco e brilhante. No lado direito, a ponta dos dedos da mão direita e, à esquerda, a ponta dos dedos da mão esquerda, são esticadas e atingem o mesmo círculo, tocando-a em dois pontos diferentes da circunferência. A razão pela qual a imagem estendeu seus braços é porque, na estrutura do mundo, o homem está no centro, pois é mais poderoso do que todas as outras criaturas que, no entanto, estão na própria estrutura (LIBER VITAE MERITORUM: Libro de los Méritos de la Vida. Santa Hildegarda de Bingen, 2009, p. 42).

---

<sup>103</sup> Um dos mais importantes nomes do Renascimento, Leonardo di Ser Piero da Vinci se destacou em diversas áreas: matemática, engenharia, anatomia, botânica, arquitetura e música, dentre tantas outras. Baseado na obra do arquiteto romano Vitruvius, o *Homem Vitruviano* foi desenhado em 1490.

<sup>104</sup> PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996, p. 69.

## CONCLUSÃO

Através da construção teológica de Hildegarda de Bingen podemos descobrir a riqueza intelectual e espiritual que envolveu todo o seu trabalho. De acordo com Xavier (2001) “Os seus livros de visões são, pois, o lugar onde também se exprime a sua inteligência do universo e as suas posições doutrinárias. Aí se torna plausível discernir uma filosofia”<sup>105</sup>. Também seus registros não só visionários, mas também científicos e epistolares impressionam pela quantidade e conteúdo.

De acordo com Maria Leonor Xavier (2001), o vasto e diversificado trabalho de Hildegarda de Bingen fazem dela uma autora pluridisciplinar: “De fato, Hildegarda não foi dotada de um só talento, mas de múltiplos talentos, e pô-los a render a todos, como atesta o conjunto de sua obra”<sup>106</sup>.

Percorrendo o século XII podemos perceber que o mundo de Hildegarda foi rico em contribuições femininas. Também é possível compreender que as mulheres tiveram um papel muito importante na cristandade. De acordo com Silva (2011), elas foram ativas desde o primeiro momento do movimento monacal, assim como também em outros movimentos religiosos e até mesmo nos movimentos heréticos. Em toda a efervescência deste período, era forte e expressiva a presença feminina<sup>107</sup>.

Hildegarda de Bingen é por assim dizer, uma mulher que é fruto de seu tempo, da complementaridade e da liberdade relacional que fez com que ela e suas monjas, assim como também diversos outros grupos religiosos, desfrutassem de liberdade e autonomia. Como mãe e mestra, foi luz para outras mulheres como guia e exemplo de autoridade feminina e produziu um forte conteúdo simbólico que a faz ser lembrada e reverenciada até hoje.

---

<sup>105</sup> XAVIER, Maria Leonor L. O. Hildegarda de Bingen: as suas visões e as suas razões. *Revista Pensar no Feminino*, Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 2.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>107</sup> SILVA, Valéria Fernandes da. Mulheres sob controle: Subordinação, Clausura e Exclusão – A Constituição Discursiva da Vida Religiosa Feminina nos Séculos XII e XIII In: *XXVI Simpósio Nacional de História*, 2011, São Paulo, p. 2.

Ainda assim, há em Hildegarda algo que é difícil descrever. A conjuntura de toda a sua obra e sua postura permanentemente ativa até mesmo na vida idosa são surpreendentes, já que ela inicia suas primeiras viagens para pregar aos sessenta e três anos e termina sua última viagem em 1170 aos setenta e nove anos. É também com autoridade que ela durante essas viagens de pregação faz uma série de advertências ao clero<sup>108</sup>. Hildegarda foi uma voz de respeito por todos os lugares que passou.

Carmen Lícia Palazzo (2002) afirma que, apesar de no início da vida profética da abadessa de Bingen ela ter contado com a importante e decisiva aprovação de Bernardo de Claraval e do papa Eugênio III, depois, o que a definiu em seu espaço foi sua própria capacidade de liderança e a qualidade de suas obras, dentre outras aptidões que ela muito bem soube desenvolver.

Seria enganoso, no entanto, pensar que tudo ocorreu sem qualquer contestação e que a monja germânica foi uma figura passiva e discreta, que recebeu o apoio direto das autoridades eclesásticas, enquanto se dedicava apenas a escrever. Se, no início, como já mostramos, o apoio de Bernardo de Claraval se constituiu em um elemento essencial para que as visões relatadas no Scivias fossem reconhecidas pela Igreja, em seguida Hildegard afirmou-se tanto por sua própria capacidade de liderança de um grupo de monjas quanto pela qualidade de sua obra e pela dedicação e profundidade com as quais respondia sempre as consultas que lhe chegavam (PALAZZO, 2002, p. 145).

Por sua singularidade incontornável, Hildegarda de Bingen e suas obras nos transmitem uma mensagem muito atual e contemporânea. A essência de suas ideias e teologia aparecem também em consonância com a Encíclica papal *Laudato Si*<sup>109</sup> de 2015, que trata de uma concepção unitária entre o universo e o homem assim como também da importância de uma interconexão entre o homem e a natureza. O apelo à uma conversão ecológica faz com que, de acordo com Dadosky (2018) “Embora não mencionada na encíclica, a noção de *viriditas* (o *greening*) de Hildegard de Bingen possa fornecer a base para uma teologia que atenda às exigências destacadas neste documento”.<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup> PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996. Capítulo Viagens e Prédicas, p. 94.

<sup>109</sup> Traduzido para o português como ‘Louvado Sejas’, a Encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum, foi escrita pelo papa Francisco em 2015.

<sup>110</sup> DADOSKY, John. The Original Green Campaign: Dr. Hildegard of Bingen's *Viriditas* as Complement to *Laudato Si*. Article in *Toronto journal of theology* 34 (1):79-95. June 2018.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes Históricas:

SCIVIAS: (Scito vias Domini) [1151]: Conhece os caminhos do Senhor/ Santa Hildegarda; Tradução: Paulo Ferreira Valério - São Paulo: Editora Paulus, 2015. – Coleção Amantes do Mistério.

LIBER VITAE MERITORUM: Libro de los Méritos de la Vida [1163]. Santa Hildegarda de Bingen. Traducción del latín y notas: Rafael Renedo, 2009. Para Hildegardiana ([www.hildegardiana.es](http://www.hildegardiana.es)). Edición de Diciembre 2014.

LIBER DIVINORUM OPERUM: Libro de las Obras Divinas [1173]. Santa Hildegarda de Bingen. Traducción del latín y notas: Rafael Renedo, 2007. Para Hildegardiana ([www.hildegardiana.es](http://www.hildegardiana.es)). Edición de Febrero 2013.

VIDA Y VISIONES DE HILDEGARD VON BINGEN. Edição de Victoria Cirlot. Madrid: Siruela, 2001 (1ª ed. 1997).

### Artigos científicos

BROCHADO, Cláudia Costa. Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.42, jun. 2014.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Mulheres Intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bingen – Entre a Medicina, a Filosofia e a Mística. *Revista Trans/ Form/Ação*. Marília, v. 35, p. 187-208, 2012. Edição Especial.

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente; FROTA, Rafael Fernandes. Luz sobre Hildegarda: notas dedicadas à santa profetisa de Bingen. *Revista Coletânea*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 67-92, jan./jun. 2018. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. AMARAL, Maria José Caldeira do. A mística como crítica nas narrativas de mulheres medievais. *Revista de Cultura Teológica*. Nro. 86. Julho/Dezembro de 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.v0i86.26041>

MURARO, Luisa. Autoridad sin Monumentos in DUODA *Revista d'Estudis Feministes* número 7, 1994.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão*. Projeto PIBIC/UEPB, Cota 2013-2014.



OLIVEIRA, Maria Carmen Gomes Martiniano de. A peregrinação da alma no Scivias de Hildegard de de Bingen: criação, queda, redenção e salvação. *Revista História* (São Paulo) v.32, n.2, p. 209-240, jul./dez. 2013 ISSN 1980-4369

PALAZZO, Carmen Lícia. Hildegard de Bingen: o excepcional percurso de uma visionária medieval. In FIDORA, Alexander y PARDO PASTOR, Jordi (Org.), *Expresar lo Divino: Lengua, Arte y Mística. Revista Mirabilia* 02 (2002). Journal supported by Institut d'Estudis Medievals (Universitat Autònoma de Barcelona), pp. 139-149.

SILVA, Valéria Fernandes da. Mulheres sob controle: Subordinação, Clausura e Exclusão – A Constituição Discursiva da Vida Religiosa Feminina nos Séculos XII e XIII In: XXVI *Simpósio Nacional de História*, 2011, São Paulo.

RABASSÓ, Georgina. De la experiència místico-cognoscitiva a la epistemologia mística: Hildegarda de Bingen. In: SALVADOR GOZÁLEZ, José Maria (Org.), *Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média. Revista Mirabilia* 17 (2013/2). Journal supported by Institut d'Estudis Medievals (Universitat Autònoma de Barcelona), pp. 100-114.

VISALLI, A.M., & GODOI, P.W. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. *Revista Diálogos*, set./dez. 2016, v. 20, n. 3, p. 129-144.

XAVIER, Maria Leonor L. O. Hildegarda de Bingen: as suas visões e as suas razões. *Revista Pensar no Feminino*, Lisboa: Edições Colibri, 2001, pp. 189 - 205.

#### **Teses:**

POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. *A espiritualidade de Hildegard von Bingen: profecia e ortodoxia*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

#### **Palestras e Entrevistas:**

MACHADO, Arlindo. *Fim do Livro?* Palestra feita pelo autor em 12 de maio de 1994 no Instituto de Estudos Avançados. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200013)

Entrevista de Luisa Muraro à Revista Italiana *Inchiesta* sobre a *Ordem simbólica materna* em 1 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.inchiestaonline.it/donne-lavoro-femminismi/luisa-muraro-lordine-simbolico-della-madre/>

### Referências Bibliográficas:

DRONKE, Peter. *Las escritoras de la Edad Media*. Barcelona: Critica. 1995, p. 200-278.

FRANCO, José Eduardo (Coordenação). *Glossário de Cultura Católica: Termos ou Conceitos*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2010.

JORNET I BENITO, Núria. La relación com los recuerdos: la autoridade y el poder de la memória. In: Maria-Milagros Rivera Garretas, (dir.); *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirand lo Blanch, 2006, p 17-51.

KING, Ursula. *Christian Mystics: The Spiritual Heart the Christian Tradition*. New York: Simon & Schuster Editions, 1998. p. 101.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Volume 2. (E - J), Volume 2. Edições Loyola, 2008.

MARTINENGO, Marirí. La armonía de Hildegarda – Um espistolario surpreendente. In: Poggi, Claudia, Santini, Marina, et al. *Libres para ser – Mujeres creadoras de cultura em la Europa Medieval*. Madrid: Narcea, 2000, 19-50.

PACOMIO, Luciano; MANCUSO, Vito. *LEXICON: Dicionário Teológico Enciclopédico*. Edições Loyola, 2003.

PARENTE, Pietro. *Diccionario de Teología Dogmática*. Traduzido do italiano por Francisco Navarro. Editorial Litúrgica Española. Barcelona, 1955.

PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: A consciência inspirada no século no século XII*. (Tradução de Eloá Jacobina). Rio de Janeiro; Rocco, 1996.

RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005, p. 93-128.

RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. El signo de la libertad feminina hace historia de las mujeres. In VALDIVIESO, Maria Isabel del Val; ALCÁZAR, Juan Francisco Jiménez (Coords.), *Monografías de La Sociedad Española de Estudios Medievales. Nº 3. Las Mujeres em La Edad Media*, Murcia – Lorca, 2013, p. 17-32.

RIVERA GARRETAS, Maria Milagros; RODRIGUES, Maria Elisa Varela; GARCIA HERRERO, María del Carmen. Prólogo: Leer biografias: una pasión sexuada. In: *Vidas de Mujeres del Renacimiento*. Barcelona: UBe, 2007, p.11-21.

RIVERA GARRETAS, La politica sexual, fundamento de la política. In: Maria-Milagros Rivera Garretas, (dir.); *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirand lo Blanch, 2006.

**Cartas:**

Carta Apostólica para Perpétua Memória de Santa Hildegarda de Bingen, monja professa da ordem de São Bento, proclamada Doutora da Igreja Universal, datada em 7 de outubro de 2012. Disponível em:

[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html)

## DECLARACAO DE AUTENTICIDADE

Eu, FABIOLA MENDES DOS SANTOS, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado HILDEGARDA DE BINGEN: MÍSTICA E TEOLOGIA FEMININAS NO SÉCULO XII foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasilia, 23 de dezembro de 2019

Fabiola Mendes dos Santos